

ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

— conexão — **Literatura**

Janeiro / 2018

nº 31

www.revistaconexaoliteratura.com.br

FICÇÃO CIENTÍFICA

CONFIRA MATÉRIA EXCLUSIVA PÁG. 05

NA LITERATURA

CONCURSO CULTURAL: PARTICIPE COM O SEU CONTO

HELSING - CAÇADORES DE MONSTROS PÁG. 42

SUMÁRIO

Editorial: por Ademir Pascale, pág. 03
Especial: Ficção Científica na Literatura (capa), pág. 05
Parceiros da Revista Conexão Literatura, pág. 09
Resenha: Menino de Engenho, José Lins do Rego, por Thainá Christine, pág. 10
Crônica: Lembrança de Helena, por Míriam Santiago, pág. 14
Entrevista com Jéssica Amaral, pág. 18
Entrevista com Ronaldo Luiz Souza, pág. 24
Entrevista com Silvano Colli, pág. 31
Entrevista com Dr. Roberto Martins de Souza, pág. 35
Saiba como participar do concurso de contos Helsing - Caçadores de Monstros, pág. 42
Entrevista com Carlos Velázquez, pág. 43
Conto: Olhares Apaixonados - Um breve estudo sobre os olhares, por Ademir Pascale., pág. 50
Conto: Assassinato na Rua 13, por V. Evans, pág. 55
Conto: O Túmulo Maldito, por Rafael Botter, pág. 58
Saiba como participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 60

EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor Geral

COLABORAM NESTA EDIÇÃO

Rafael Botter - Colunista/Colaborador - (Conto da pág. 58)

CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA
www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html

ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores, acesse:
www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html

Capa: Ademir Pascale. Arte da capa: by Pixabay

Patrocinam esta edição:
Míriam Santiago

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição de Conexão Literatura, acesse: www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html

Para entrar em contato: pascale@cranik.com ou ademirpascale@gmail.com
c/ Ademir Pascale - Editor



A nossa primeira edição de 2018 está super especial. Desta vez destacamos a Ficção Científica na Literatura, citando nomes nacionais e internacionais, além de seus vários subgêneros. Confira nas próximas páginas.

Em dezembro de 2017 divulgamos o concurso cultural “Helsing – Caçadores de Monstros”, que vai até a metade de janeiro. Não perca a oportunidade e participe com o seu conto. Saiba mais nesta edição.

Crônicas, entrevistas, contos e dicas de livros recheiam as nossas páginas.

Para participar ou anunciar em nossa próxima edição de nº 32 (fevereiro, 2018), acesse a página em nosso site: <http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html>

Tenham uma ótima leitura e até a próxima edição!

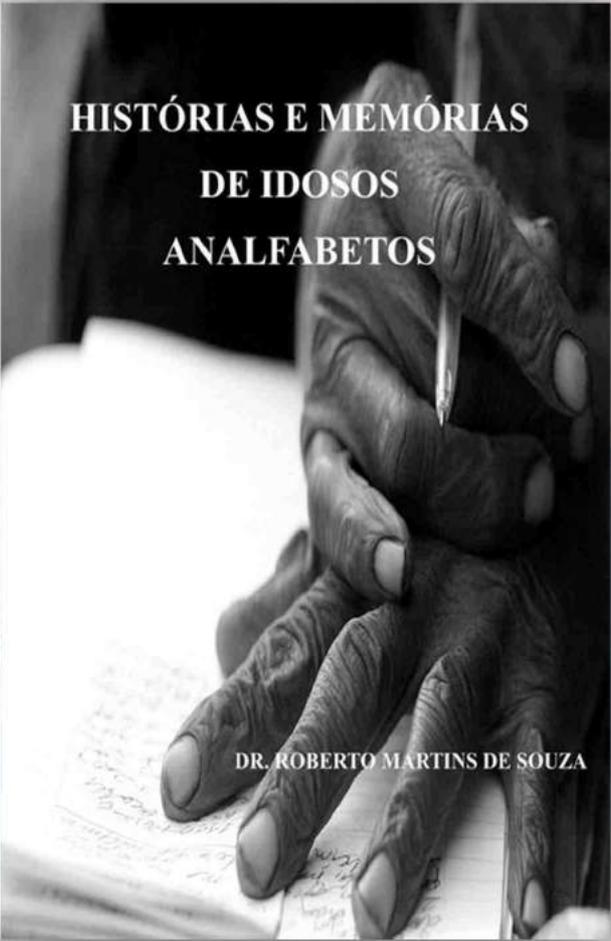


Ademir Pascale

Editor da Revista Conexão Literatura. Membro Efetivo da Academia de Letras José de Alencar.

Já publicou contos no Brasil, França, Portugal e México. Autor dos romances “O Desejo de Lilith”, “Caçadores de Demônios” e “Crossroads – Quando os destinos se cruzam”, além de organizador do livro “Possessão Alienígena”, a ser lançado pela Editora Devir ainda esse ano. Fã nº 1 de Edgar Allan Poe, adora pizza, séries televisivas, heróis da Marvel, DC e HQs. E-mail: ademirpascale@gmail.com





**HISTÓRIAS E MEMÓRIAS
DE IDOSOS
ANALFABETOS**

DR. ROBERTO MARTINS DE SOUZA

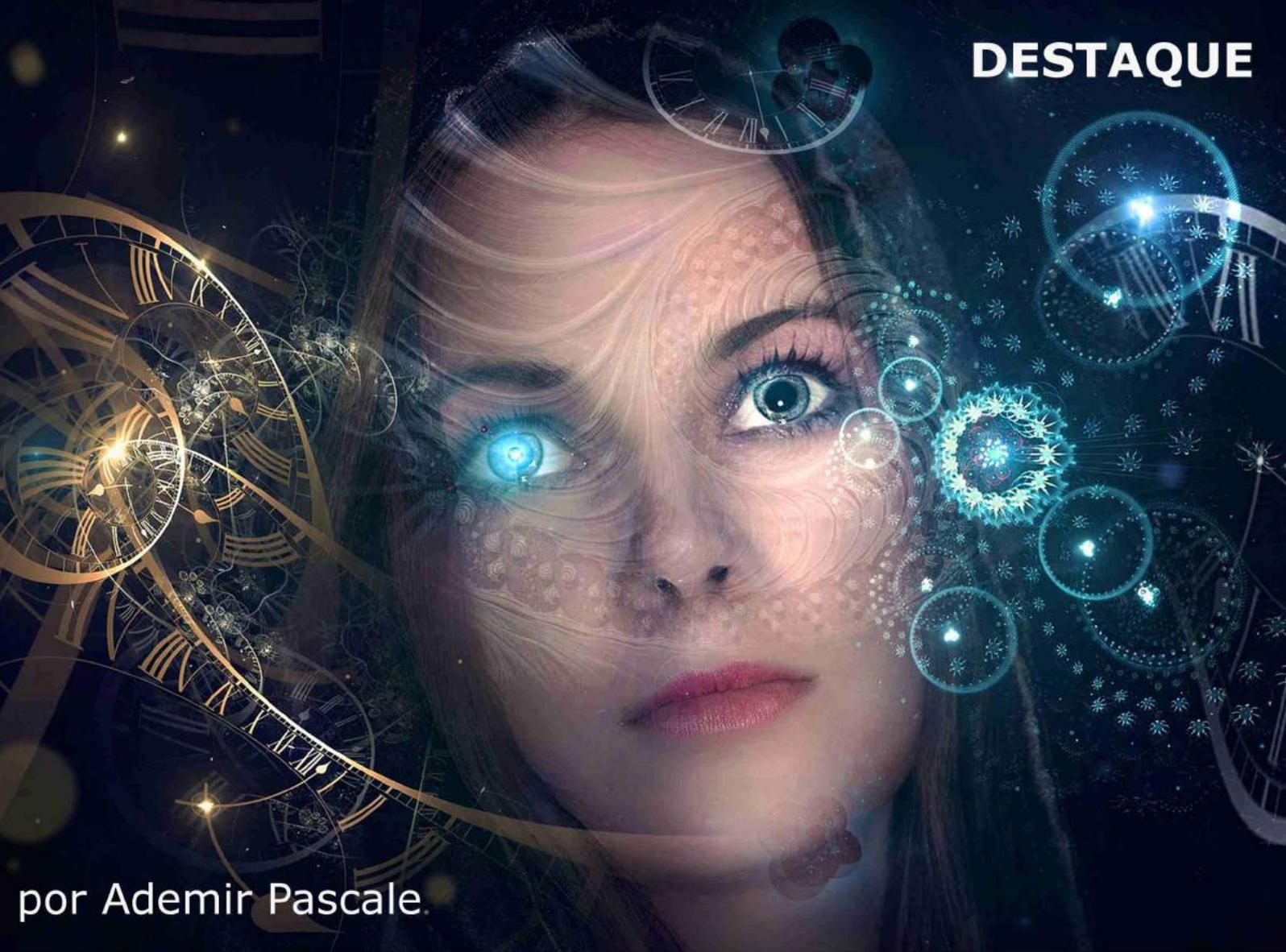


Sinopse: O livro HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE IDOSOS ANALFABETOS narra histórias verídicas de idosos analfabetos ou semianalfabetos em processo de alfabetização. Onde os mesmos contam de uma maneira simples e singular as suas trajetórias de vida.

Histórias estas contadas com muita emoção e saudosismo. Assim como os motivos pelos quais não foram alfabetizados na idade apropriada, ou seja, na idade infantil ou juvenil.

Autor: Roberto Martins de Souza

**PARA SABER MAIS OU ADQUIRIR O LIVRO:
CLIQUE AQUI**



por Ademir Pascale.

FICÇÃO CIENTÍFICA NA LITERATURA

Talvez muitos não saibam, mas uma das primeiras obras do gênero foi Frankenstein, de Mary Shelley, escrita entre 1816 e 1817, da qual muitos consideram apenas uma obra de horror ou terror gótico, mas que se esquecem da ciência que transborda em suas páginas – Ademir Pascale

A Ficção Científica (FC, sci-fi ou scifi), diferente da fantasia, é um gênero que lida geralmente com assuntos relacionados ao futuro, mesclando tecnologia e ciência. É fácil notarmos na literatura de

FC obras que abordam cenários futurísticos, com robôs, alienígenas e andróides. Talvez muitos não saibam, mas uma das primeiras obras do gênero foi Frankenstein, de Mary Shelley, escrita entre 1816 e 1817,

da qual muitos consideram apenas uma obra de horror ou terror gótico, mas que se esquecem da ciência que transborda em suas páginas: um cientista que junta pedaços de corpos humanos, transformando-os num único ser chamado de "Criatura", que ganha vida através de uma incrível máquina. Posteriormente vieram importantes escritores, como H. G. Wells, que escreveu a obra *A Guerra dos Mundos* (1898), que descreve uma invasão marciana que tenta disseminar a raça humana. Jules Verne (1828-1905), que fez obras notáveis que foram traduzidas em 148 línguas e segundo estatísticas da UNESCO, escreveu mais de 100 obras, entre eles "Da Terra à Lua" (1865), "Vinte mil léguas submarinas" (1870) e "Robur, o conquistador" (1886). Outros escritores como Robert A. Heinlein, Arthur C. Clarke e Isaac Asimov, também deixaram obras notáveis que influenciaram e ainda influenciam milhares de leitores e escritores. Philip K. Dick, escreveu "Do Androids Dream of Electric Sheep?" (1968), obra que inspirou o filme *Blade Runner: O Caçador de Andróides*. Já no Brasil, André Carneiro (1922-2014) foi um dos mais importantes escritores de

FC, tendo escrito "Diário da Nave Perdida" (1963), *O homem que adivinhava* (1966), *A Máquina de Hyerônimus e Outras Histórias* (1997) entre outros. Tive o prazer de conhecer André Carneiro, do qual entrevistei em 2008 (<http://www.cranik.com/entrevista100.html>). Jorge Luiz Calife (1951), outro importante escritor de FC, pertencente à vertente ficção científica "hard" e que manteve contato com Arthur C. Clarke, criador de *2001: Uma Odisséia no Espaço*, escreveu várias obras do gênero, como *Space Opera - Odisseias Fantásticas Além da Fronteira Final*, *Angela entre dois mundos* (2010), *As sereias do espaço*, *Como os Astronautas Vão ao Banheiro*, etc. Também tive o prazer de entrevistá-lo no ano de 2009 (<http://www.cranik.com/entrevista124.html>). Miguel Carqueija, escritor carioca que vem produzindo diversos textos, entre romances e contos de FC, obras das quais poderemos saber mais em vários sites espalhados pela internet e, assim como eu, Carqueija também é fã de Edgar Allan Poe (1809-1849), escritor conhecido mundialmente por suas histórias que envolvem o mistério e o macabro, mas que

também contribuiu com contos de FC, sendo estes mais conhecidos internacionalmente. Roberto de Sousa Causo (1965), prolífico escritor de ficção científica, fantasia e horror. Tive o prazer de participar com o Causo no livro "Contos Imediatos" (Terracota), com o conto "O olho que tudo vê". O autor escreveu os romances "A corrida do Rinoceronte" (2006), "Anjo de Dor" (2009), "Glória Sombria" (2013), "Mistério de Deus" (2017) e "O Par" (Editora Humanitas), uma excelente novela, além de inúmeros contos. Entrevistei o autor em 2008, para o Portal Cranik: <http://www.cranik.com/entrevista96.html>. É fácil encontrá-lo em eventos sobre literatura na cidade de São Paulo, principalmente se for sobre FC. Salvador Nogueira (1979), jornalista, escritor e colunista do jornal Folha de S. Paulo e colunista da revista Scientific American Brasil, entrevistado para o Portal Cranik: <http://www.cranik.com/entrevista44.html>. Escreveu os livros Jornada nas Estrelas. O guia da saga. 1. ed. São Paulo: (LEYA, 2016), Ciência Proibida. As experiências científicas mais perigosas, assustadoras e cruéis já realizadas. 1. ed. São Paulo:

(Editora Abril, 2015), Extraterrestres. Onde eles estão e como a ciência tenta encontrá-los. 1. ed. São Paulo: (Editora Abril, 2014), Rumo ao Infinito. Passado e futuro da aventura humana na conquista do espaço. 1. ed. São Paulo: (Editora Globo, 2005), entre outros. Nogueira edita o site: <http://www.trekbrasilis.org>.

Outros nomes também despontam no gênero, como Estevan Lutz (O voo de Icarus), Tibor Moricz (Síndrome de Cérbero), Marcelo Bighetti (The Kolob Connection), Renato A. Azevedo (De Roswell a Varginha) e Mustafá Ali Kanso (O mesmo sol que rompe os céus, 2017), o autor infelizmente faleceu aos 57 anos, no dia 26 de julho de 2017. Mustafá também participou do livro "Contos Imediatos" e "Futuro Presente", pela Record. Saiba mais sobre Mustafá em seu site oficial: <http://www.mustafa.com.br>.

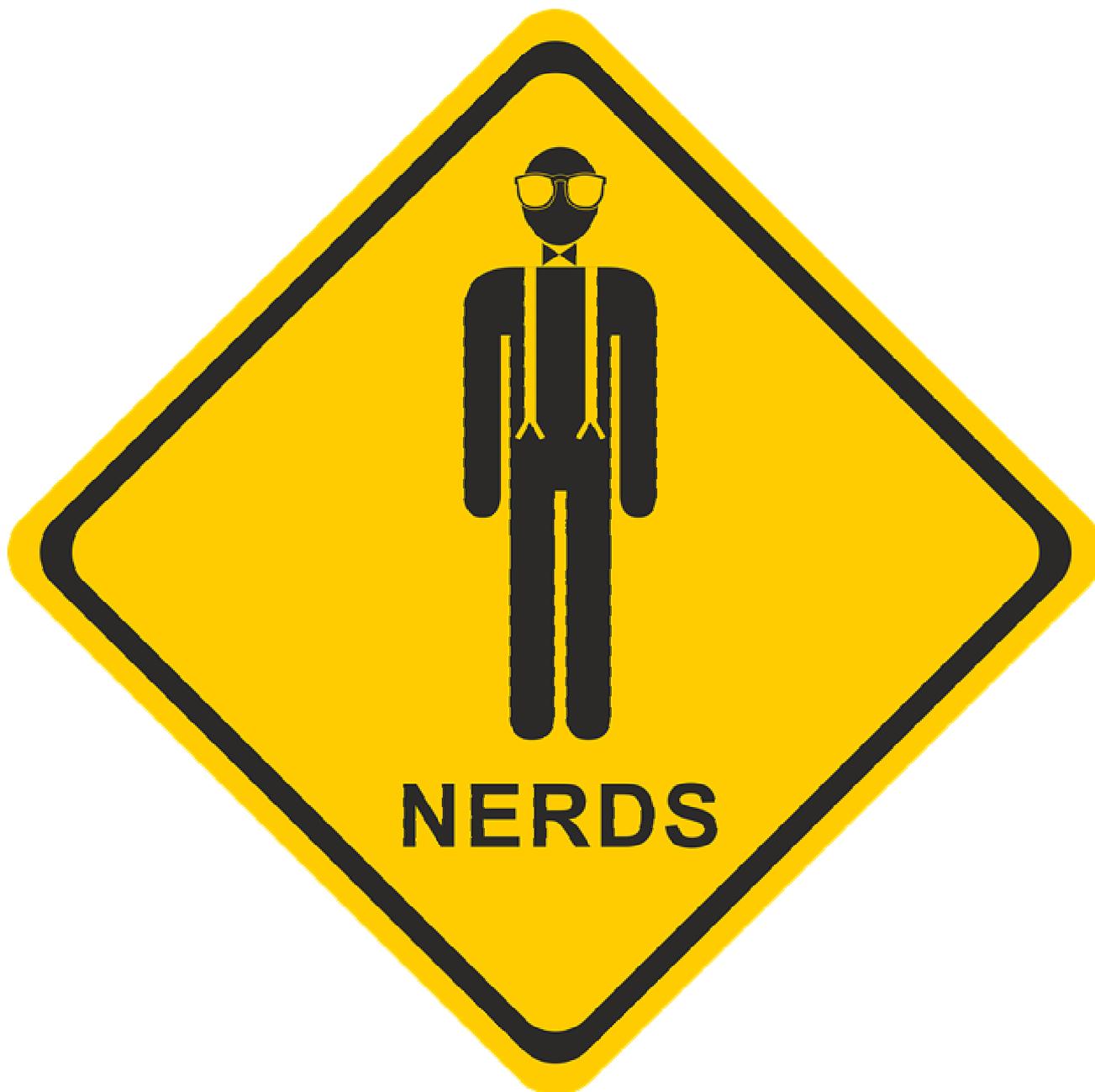
Existem vários subgêneros dentro da FC, como o Ciberpunk, Steampunk, Biopunk, Dieselpunk, Space Opera, Pos-ciberpunk, Dying Earth, Distopias, Apocalíptico e pós-apocalíptico, Ficção científica hard, ficção robótica, Ficção científica soft, etc.

Algumas obras antigas nacionais de FC poderão ser encontradas em um dos meus blogs, escritores como Jerônimo Monteiro, Henrique Flory, Fausto Cunha, Rubens Teixeira

Scavone e outros, são citados.

Acesse:

<http://museudaliteraturafantastica.blogspot.com.br>



PARA SABER MAIS, ACESSE:

- <http://museudaliteraturafantastica.blogspot.com.br>

conexão Literatura

Nossos Parceiros:

clique sobre os links

www.livrodestaque.com.br

poesiaqueencantavida.blogspot.com.br

travelingbetweenpages.blogspot.com.br

www.tatianecdesouza.com.br

dailyofbooks.blogspot.com.br

meupassaporteliterario.blogspot.com.br

www.divulgalivros.org

tomoliterario.blogspot.com.br

www.bookstimebrasil.com.br

entrelinhasdirecionadas.blogspot.pt

deusa1000.wixsite.com/leituracomcafe

www.facebook.com/groups/complexo.tuthor

www.encantoliterario.com.br

www.dear-book.net

www.sugestoesdelivros.com

literaturaporamor1.blogspot.com.br

prosaescrita.wordpress.com

My Book - Grugo no Facebook

topensandoemler.blogspot.com.br

blogjovensescritores.wixsite.com/escritores

dose-of-poetry.blogspot.com.br

www.facebook.com/jornaltuthor

coleccionadoromances.blogspot.com.br

ateultimapagina.wordpress.com

literaleitura2013.blogspot.com

osretratosdamente.blogspot.com

www.estantedowilson.com.br

miriammorganuns.blogspot.com.br

www.livreando.com.br

cinecurtaa.blogspot.com.br

lendocomdaniel.blogspot.com

www.cafeinaliteraria.com.br

www.sonhandoatravesdepalavras.com.br

www.betoqueiroz.com

www.salaliteraria.com.br

www.cinderelasliterarias.com

esoportunovagao.blogspot.com.br

www.literagindo.com.br

leiturasdaketellyn.blogspot.com.br

www.facebook.com/tuthorRPG

contaseumlivro.blogspot.com.br

stelivros.wordpress.com

Curta nossa Fanpage: 

www.facebook.com/conexaoliteratura



por Thainá Christine

MENINO DE ENGENHO



O livro *Menino de Engenho*, escrito pelo autor paraibano José Lins do Rego e publicado em 1932, sendo o seu romance de estreia, conta a história de Carlinhos, um menino que aos 4 anos de idade presenciou a morte da mãe e a prisão do pai, culpado pelo assassinato da esposa.

Ao ficar desolado e sem a companhia dos pais, o garoto é mandado para morar com o avô materno, o velho José Paulino,

dono de um engenho de açúcar. Lá o jovem descobre o primeiro amor, a dor de outras perdas, as brincadeiras inadequadas e levadas dos primos, o carinho materno da tia Maria, os “puxões de orelha” da Sinhazinha, as malefícências das relações sexuais sem prevenção, entre outros acontecimentos que rodeiam a sua infância e são contados a cada capítulo.

Além de abordar a infância do personagem principal, tanto o lado positivo como também o

negativo do ato de crescer, a obra também traz um tema recorrente no Nordeste e de suma importância para ser debatido em qualquer momento: a seca do sertão. Transparece as dificuldades enfrentadas pelas secas e chuvas em excesso, a perda dos alimentos e as enchentes que levam grande parte dos bens materiais do povo pobre.

A narração é em 1º pessoa, tendo a visão de Carlinhos como destaque e total verdade. O autor explora tudo de maneira natural e sincera através de uma linguagem coloquial e característica do interior, mantendo a fala verbal na escrita. Esse é um toque importante para conectar ainda mais o personagem com o leitor, pois há uma aproximação com as suas raízes e cultura, sendo um grande aprendizado e ensinamento sobre um assunto que nem toda a população viveu e teve contato.

Embora quando pequeno Carlinhos ainda não entenda a gravidade do ato criminoso do pai e as consequências que isso traria no futuro para a destruição e desestrutura da família, ao longo da história fica perceptível que, independente de seu crescimento, o menino ainda não

consegue entender o motivo de lhe afastarem e impedirem um contato paternal. Mesmo que tenha consciência do que ocorreu e, ao mesmo tempo, tenha medo de se tornar o espelho do pai, nesse aspecto de falta e contato paterno ainda reina inocência no garoto.

Porém, mesmo sentindo a ausência paterna, o avô é quem supre essa necessidade, sendo visto para o menino como um ser inatingível e detentor da justiça, um homem para se seguir como exemplo. Por conta desse poder que o avô tem como coronel e dono de engenho, Carlinhos é tratado pelos servos e negras de forma agradável e mimada, ato que resultou em um comportamento mesquinho em relação aos outros e a ideia de que podia fazer o que quisesse.

É perceptível durante a leitura que o personagem, por mais que faça travessuras e se engrace para todas as mulheres, não é totalmente feliz, mas sim solitário e melancólico, sentindo que ainda falta algo em sua vida. Esses sentimentos de solidão podem ser considerados o motivo para que o menino levasse a vida como escolheu: cheio de encrencas alheias até o momento em que contrai aos 12

anos de idade uma doença sexualmente transmissível.

O livro consegue transmitir a realidade de um menino perdido, sem rumo, sem saber como prosseguir depois de tantas perdas irreparáveis: a morte da mãe, a morte da prima Lili e o abandono da tia Maria. Mostra as consequências de uma infância má aproveitada e que obriga o amadurecimento precoce de um garoto. Esse amadurecimento precoce não é imposto pela sociedade, como acontece muitas vezes na atualidade, mas pelo próprio garoto que se vê na necessidade de se tornar um homem melhor do que o seu pai foi.

Embora a linguagem possa tornar a leitura lenta e menos dinâmica, isso não atrapalha a experiência que terão ao longo da história. Isso apenas agregará e tornará a obra ainda mais completa e verdadeira. Outro ponto que chama a atenção e pode incomodar, o qual me

afetou, é a fala machista do personagem. Em vários momentos somos obrigados a acompanhar um pensamento machista, que, infelizmente, é característico da época e do meio em que ele vive.

Por isso é importante se ater a época em que a obra foi escrita para sabermos que o discurso machista era considerado “normal” e habitual, não podendo assim julgar a história pelo meio em que foi escrita. É necessário diferenciá-los e separá-los, pois ao contrário a leitura se tornará penosa e ofensiva.

José Lins do Rego deixou para a Literatura Brasileira um extenso legado com obras importantes e representativas para o Nordeste, tendo um lugar prestigiado entre os maiores romancistas regionalistas do Brasil. E mesmo após sua morte o autor continua trazendo reflexões sociais para os novos e antigos amantes da literatura.

Referências bibliográficas

REGO, José Lins do. Menino de engenho. 93 ed. Rio de Janeiro : José Olympio, 2006.

Quem escreveu: **Thainá Christine** tem 22 anos, mora em Brasília e está se preparando para ingressar na pós de Língua Portuguesa após finalizar o curso de Letras no final de 2017. Faz parte do Núcleo Jovem da Academia de Letras e escreve em seu blog, Sonhando Através de Palavras, com muita dedicação e amor há 3 anos. É fã dos clássicos de terror, das obras-primas do Quentin Tarantino e pelo mundo mágico da Disney. Maior objetivo: espalhar representatividade e muito Girl Power pelo mundo literário.

Instagram: @thainach / Página no Facebook: Sonhando Através de Palavras / Blog: www.sonhandoatradesdepalavras.com.br.



TOMO LITERÁRIO

Um blog sobre livros

www.tomoliterario.blogspot.com

Resenhas

Lançamentos

Escritores

Indicações

 @Tomoliterario

 @Tomoliterario

 Tomo Literario



por Míriam Santiago

LEMBRANÇA DE HELENA

Sabe aqueles domingos que você não tem nada a fazer e resolve dar uma volta só para ver o tempo passar? Pois é, foi assim, num dia desses, circulando por São Vicente, cidade litorânea do Estado de São Paulo quando resolvi entrar na Casa de Martim Afonso para conhecer o local histórico.

A casa abrigava a exposição: “Centenário da Imigração Japonesa”, com réplicas de espadas, armadura de samurai,

quadros e retratos de famílias de imigrantes. Fiquei observando importante material, um a um, sorvendo-me daquela cultura. Quando me deparei com os trajes femininos, a lembrança de antigos vizinhos japoneses, em especial, de Helena, me fez ressurgir muitas recordações, de gente humilde, honesta e linda. Foram pessoas que marcaram minha adolescência e a de meu irmão, influenciados por esse povo de rica sabedoria e cultura.

E quando dei por mim, as lembranças em preto e branco marcavam a década de 70, quando ganhamos novos vizinhos. Nesse tempo vivíamos em uma vila sem saída na Rua Kalil Nader Habr, no bairro Vila Moraes, em São Paulo, onde habitavam quatro famílias de nacionalidades diferentes: brasileiros, italianos, portugueses e japoneses.

Helena é nissei e seu esposo, Takashi, japonês; a família veio de Kobe quando ele tinha dois anos. Eles foram os últimos a chegar à vila e os primeiros a partir rumo a uma vida melhor em outra capital.

As tardes a tagarelar na casa de dona Helena enquanto ela passava a roupa diária resultavam em bons conselhos. Seu sermão era acolhedor e com grande lição de vida.

Foi graças a ela que meu irmão aprendeu o idioma japonês inspirado nas histórias que ela costumava contar, e que o beneficiou em uma empresa multinacional.

Certa tarde ela não pôde me atender. Eu tentava falar com ela, mas era em vão. E quando aflitos todos nós da vila estávamos, eis que surge algo novo na casa de Helena: um ateliê de roupas japonesas. Pois

é, como exímia costureira que era e para driblar os problemas financeiros, pois Takashi fora despedido de seu emprego, dona Helena começou a costurar para fora. Dia e noite ela desenhava, cortava e fazia belíssimos quimonos e vestidos para todos os gostos.

A produção foi crescendo e além de vendê-los na vizinhança, passou a promovê-los na feira da Liberdade. - Takashi é um homem de sorte, tendo uma mulher com esse brio! - Elogiava minha mãe.

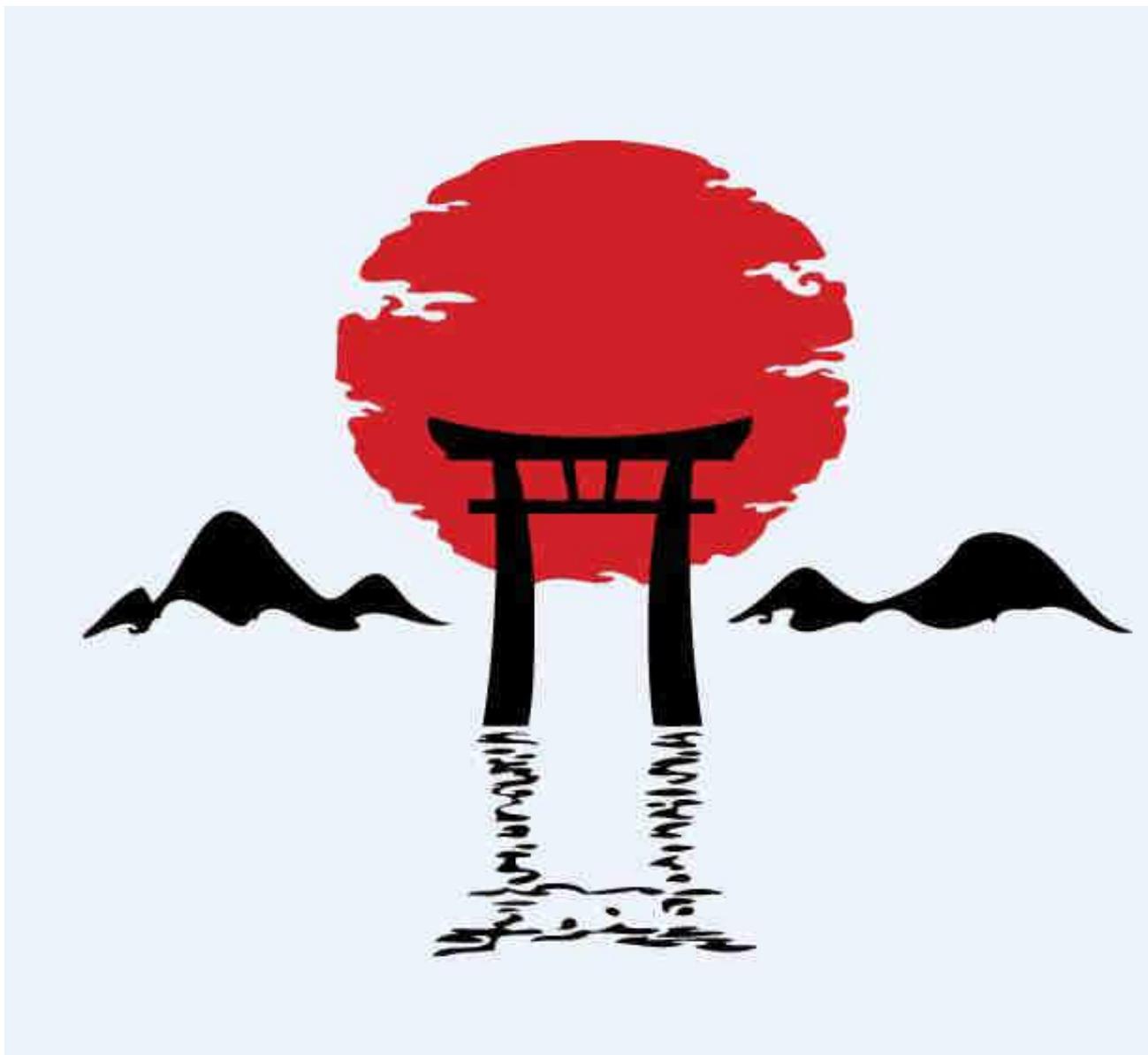
Foi assim que a família Hideo superou a crise, com o comércio de roupas de Helena, que conseguiu espaço definitivo na Liberdade. No final dos anos 80, ela era dona de uma grande boutique japonesa. Ele nada teria se não fosse a perseverança dela, que conseguiu dar a volta por cima e ainda tirá-lo de uma terrível depressão.

Helena foi uma pessoa maravilhosa que passou em minha vida e só deixou boas recordações. Seus filhos seguiram o mesmo caminho.

Fui caminhando pela sala até examinar a última peça. A exposição não é grande, mas a saudade e o sentimento que me trouxe, valeu cada minuto desperdiçado naquele dia,

lembranças de Helena e de
pessoas que não mais tenho

contato, mas que ficarão
eternamente em minha memória.



Míriam Santiago é jornalista e atua em assessoria de Comunicação, e desde que se formou também em Letras, publica livros de gêneros diversificados. Escreve contos, crônicas, minicontos e nanocontos. Possui blog cultural sobre literatura, cinema, fotografia, cursos, antologias, livros e eventos, entre outros.

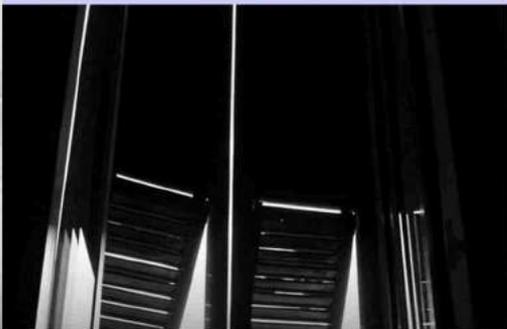
Blog: <http://miriammorganuns.blogspot.com>. Contato: miriansssantos@gmail.com.

666 SINAIS

MARLI FREITAS

666 sinais

MARLI FREITAS



SINOPSE:

Até que ponto as ações e omissões humanas são capazes de gerar a malignidade. Existe mesmo um poder oculto determinando um vencedor na eterna luta entre o bem e o mal? 666 SINAIS é o relato de vida de uma família aparentemente tranquila e normal, vivendo pacificamente numa pequena cidade do interior.

Um impensado encontro acontece entre uma jovem moradora e um forasteiro de rara beleza, a partir daí um misterioso pacto se estabelece, culminando com uma relação carnal entre os sobreviventes de um soterramento.

Os sinais de que o fim da humanidade está finalmente nas mãos de Lúcifer são evidentes aos que percebem a incrível presença do número 666 entre os sobreviventes de um sério desastre.

clique aqui
amazon

ENTREVISTA

JÉSSICA AMARAL



“Meu primeiro livro se chama Anjos existem, é uma série e tem três livros (Anjos existem, Anjo da morte e Anjo do amor. O último vai ser lançado em janeiro) e foi totalmente feito para minha avó.”

ENTREVISTA:

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Jéssica Amaral: Foi algo inesperado, pois eu nunca gostei

muito de ler quando era mais nova. Aí procurando sobre meus personagens favoritos na internet, acabei encontrando as fanfics e comecei a ler. Foi daí que despertou uma paixão que eu nunca ia

imaginar. Hoje eu posso dizer que tenho vício em livros, pois preciso sempre ter um para ler! E tenho que escrever tanto quanto tenho a necessidade de ler. É minha paixão!

Meu primeiro romance eu escrevi dedicado a minha avó. Ela adora histórias com animais falando, magia, fadas, etc, então eu decidi escrever algo nos gostos dela e deu certo. Meu primeiro livro se chama Anjos existem, é uma série e tem três livros (Anjos existem, Anjo da morte e Anjo do amor. O último vai ser lançado em janeiro) e foi totalmente feito para minha avó. Esse livro eu fiz querendo passar uma mensagem, que é “somos todos especiais a nossa maneira”, algo por aí...

Já tenho oito livros prontos e mais alguns “em construção”. Pretendo não parar por aí...

Conexão Literatura: Você é autora do livro “O filho do meu noivo” (Editora Autografia). Poderia comentar?

Jéssica Amaral: É o meu terceiro romance. De início a história ia ser

completamente diferente, mas eu achei que não estava ficando boa e recomecei com outra ideia. Resolvi criar uma personagem com uma personalidade bem difícil, achei que ia ser muito complicado fazer ela, mas na verdade foi fácil, pois a Lara é uma garota espontânea e isso facilita muito. Ela fala o que acha do a quem doer!

Na história, ela tem que se casar por ordens do pai e não fica nada satisfeita, mas no decorrer do livro, Lara aprende o valor do amor e também de sacrifício por amor. Ainda mais que se apaixona pelo filho do homem a quem foi prometida.

OBS: O livro é conteúdo adulto, ok? Gosto de especificar, pois tem pessoas que não gostam.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Jéssica Amaral: Eu levei três meses para escrever esse livro. Como disse antes, foi mais fácil do que pensei, apesar de ter colocado coisas das quais eu não entendia muito bem,

como os cavalos. Eu gosto muito desse animal, mas nunca tive um contato como descrevi no livro. Então fiz pesquisas na internet sobre o que eu não sabia para não ter erro.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do qual você acha especial em seu livro?

Jéssica Amaral: Acho que posso descrever a cena que a Lara conhece o Daniel...

“O lugar que passávamos agora era muito bonito. O carro estava na estrada reta, parecia não ter fim. Ao lado, o gramado era verde e enorme. Lindo como nunca vi, nem nos terrenos da minha casa, ou ex-casa.

Via poucas casas, mas as que tinham eram muito bonitas. Pequenas e arrumadas.

Amei esse lugar.

O motorista entrou em uma rua de chão. Mesmo assim ainda era bonito o lugar. Ele parou na última casa, ou será que digo mansão? O lugar era enorme! A casa era perfeita e muito grande. Duas ou três vezes maior

do que a que morava com meus pais. Uau!

- Chegamos – oferece a mão para me ajudar a sair do carro. Seguro a mão dele e continuo olhando o local. Era incrível!

- Vamos conhecer meu filho agora. Retiro o que disse.

Entramos na mansão e era tudo tão bem arrumado e bonito. A sala de estar era imensa, lareira, sofás chiques, uma tevê gigante...

Perto da lareira tinha um homem parado olhando a gente. Deve ser mais algum empregado do Lorenzo. Se bem que não parece usar uniforme ou andar como um pinguim como o Marcos (o guarda-costas e motorista).

- Lara, esse é o meu filho Daniel – aponta para o homem parado ao lado da lareira.

Não consegui me manifestar. Estava chocada demais com a novidade. Meu Deus! Ele tem um filho mais velho do que eu! ”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir um exemplar do seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Jéssica Amaral: Eu publico meus livros no site do Clube de autores, mas também disponibilizo no Wattpad e Amazon.

O livro O filho do meu noivo pode ser adquirido no site da editora Autografia.

Nesses sites podem ser encontrados os meus outros livros:

Clube de autores: (<https://www.clubedeautores.com.br/authors/242643>) o meu primeiro livro, Anjos existem e a continuação dele estão disponíveis para venda no clube de autores e na Amazon:

Wattpad: (<https://www.wattpad.com/user/JessicaAmaraal>) e

Amazon: (<https://www.amazon.com.br/dp/B072J3C842>) nesse site eu publico os ebooks, pois posso colocar com um valor mais acessível para o leitor.

Aproveitando... Resolvi criar um blog, onde eu faço resumos dos livros que eu leio e também de quem me pede para fazer. Se

alguém se interessar em visitar, será muito bem-vindo!

<https://amantes2delivros.blogspot.com.br>

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Jéssica Amaral: Sim. Alguns. Na verdade, é uma loucura aqui. Às vezes eu escrevo dois ou três livros ao mesmo tempo... Mas os que tenho me dedicado agora são dois, um já praticamente terminei e o outro está em andamento.

Perguntas rápidas:

Um livro: A série os instrumentos mortais

Um (a) autor (a): Cassandra Clare

Um ator ou atriz: Fernanda Montenegro

Um filme: A bela e a fera

Um dia especial: Quando contei a família que escrevi um livro

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Jéssica Amaral: Quero agradecer a revista pela oportunidade de poder

contar um pouco da minha história e agradecer a todos que têm me apoiado no meu sonho, principalmente quem leu e

comentou. É tudo muito importante pra mim. Adoro ler os comentários dos leitores!



Para saber mais sobre a autora, acesse: <https://amantes2delivros.blogspot.com.br>



**ANUNCIE NA REVISTA
CONEXÃO LITERATURA**

CLIQUE AQUI

PARA SABER MAIS OU ADQUIRIR O LIVRO:
CLIQUE AQUI

ENTREVISTA

RONALDO LUIZ SOUZA



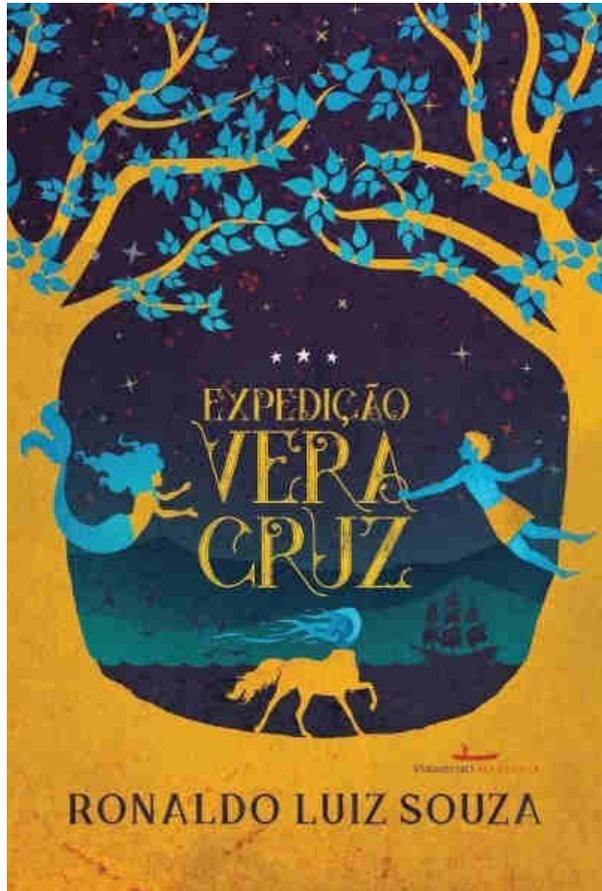
“Após escrever um conto sobre o folclore brasileiro para uma das antologias das quais participei, percebi que havia uma grande carência no mercado de livros sobre o folclore. Resolvi então escrever uma aventura ágil e sedutora ao público para recriar os personagens folclóricos...”

ENTREVISTA:

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Ronaldo Luiz de Souza: Comecei na infância tentando escrever histórias em quadrinhos, depois, na

adolescência, passei pela poesia e crônica; na juventude, desenvolvi contos, uma peça de teatro e um romance (estes dois últimos não publicados). Mais tarde então resolvi participar de antologias temáticas e gostei tanto, por estes livros reunirem sob um mesmo tema diversos escritores, que participei de duas dezenas delas. Lancei meu primeiro livro, *Raízes e Asas* em 2010, na Bienal de Minas.



ágil e sedutora ao público para recriar os personagens folclóricos desde sua origem e tentei fazer desta história um marco na literatura de fantasia nacional.

Conexão

Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Ronaldo Luiz de Souza: As pesquisas foram longas e extenuantes. Não teria sido possível escrever

Conexão Literatura: Você é autor do livro *Expedição Vera Cruz* (Editora Vermelho Marinho). Poderia comentar?

Ronaldo Luiz de Souza: Após escrever um conto sobre o folclore brasileiro para uma das antologias das quais participei, percebi que havia uma grande carência no mercado de livros sobre o folclore. Resolvi então escrever uma aventura

Expedição Vera Cruz, sem que antes houvesse toda uma pesquisa de base, não só folclórica quanto histórica, afinal, um dos personagens principais do livro é Dom Afonso, um nobre Português que veio ao Brasil em 1573. Comecei a ler tudo o que foi possível ser encontrado em livros físicos e ebooks – e como escritor sou também um leitor e consumidor inveterado de livros – e

também o que foi possível encontrar na internet.

Comecei com os primeiros cronistas brasileiros, como Pero Vaz de Caminha, Padre Antônio Vieira e outros. Folcloristas como Luiz da Câmara Cascudo e J. Simões Lopes Neto, além de livros sobre a história do Brasil e sobre os Templários e a Ordem de Cristo. Até mesmo livros sobre as condições de navegação e dos tripulantes das embarcações nos idos de 1500. Devo ter levado uns seis meses para levantar todo o material de pesquisa – cito os principais como bibliografia ao final do livro – e, ao longo de todo o trabalho de criação, quase sempre tive que parar e pesquisar algo a mais.

Afinal, seria imperdoável deixar qualquer furo. A história foi, portanto, fortemente ancorada em pesquisas sólidas. O original foi concluído em cerca de uns três anos. Mas demorei mais algum tempo para, enfim, conseguir publicar, devido à dificuldade de inserção no mercado literário, algo que todo escritor brasileiro sabe bem como é.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do qual você acha especial em seu livro?

Ronaldo Luiz de Souza: Vou destacar um trecho pequeno do livro para não cansar o leitor dessa entrevista e nem lhe adiantar pontos importantes da história. Este trecho se refere ao início do Manuscrito de Dom Afonso que ficou conhecido como O Livro Perdido, lembrando que Dom Afonso é o nobre português que veio para o Brasil e se enfurnou nas selvas, convivendo com os índios:

Eu, Dom Afonso Queiroz, nasci em Lisboa, Portugal, no ano de 1540 da Graça de Nosso Senhor Jesus Cristo. Após a morte de minha amada e jovem esposa Joana de Albuquerque por uma doença fatal, deixei minha Terra Pátria em 1573 singrando os mares em direção às terras do novo mundo que tanto e entusiasticamente a mim falaram marinheiros e capitães de naus. O Paraíso neste mundo, em suma, é o que disseram. Que mais eu poderia desejar? Com o coração sangrando, desprovido de esperanças e enfastiado das mazelas humanas no

Velho Mundo, perguntei a mim mesmo e aos céus que não salvaram minha esposa: haverá paz aos homens de boa vontade? Não tive respostas. E nem paz. Percebi, então, que se houvesse alguma esperança para mim, seria numa nova vida, num Novo Mundo. Temi a morte de minha esposa. A minha, não temo. Antes vim ao seu encontro em tão longa viagem. Não me importei. Quem sabe ela levasse-me de volta aos braços de minha amada esposa, lá, muito além da carne e da vida? Pois o que seria o paraíso senão uma leve sombra da felicidade que poderíamos ter vivido juntos?

Desenlacei-me de todas as minhas atividades e obrigações, embora uma última me tivesse sido imposta pelo Rei em pessoa, como pagamento e licença para a viagem ao Novo Mundo. Eu a desempenharia quando pisasse no Novo Mundo, e depois estaria livre, sem qualquer outra amarra de meu passado.

Deixei para trás a vida que conhecia e me atirei ao mar. Na travessia oceânica, furiosa tempestade nos atingiu e por pouco não naufragamos. Para mim fora uma

santa graça não temer a morte. O mar não nos sepultou. Chegamos intactos à Terra de Santa Cruz. Meus olhos se deslumbraram com as cores e as belezas deste lugar, e de seus filhos e filhas, e todos os meus sentidos exultaram com seus frutos e perfumes, bichos e sabores. Tal qual antes me haviam enfeitado as notícias que daqui partiram e em Portugal aportaram. Não há de existir terra mais abençoada ou feliz. É aqui, afinal, o paraíso prometido. Nestas páginas relato tudo o que venho vivendo com os nativos. Seus medos e alegrias. Seus demônios e Deuses. Seus costumes, sua história, sua sabedoria.

O que me motiva? A simplicidade, a inocência e a alegria deste povo belo e inocente. E a profunda necessidade de conhecer outras formas de viver e de ter fé.

Talvez, no fundo, eu procure neste paraíso, entre tantos Deuses nativos, aquele que possa trazer-me de volta minha amada Joana. Há de existir aqui este Deus mais presente e misericordioso. Porque Demônios existem; já os vi e aqui também relato, como a tantas coisas, algumas comuns e outras estranhamente

misteriosas, que tenho visto e vivido entre estes povos da floresta.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir um exemplar do seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Ronaldo Luiz de Souza: Em breve Expedição Vera Cruz estará disponível nas livrarias; mas, por enquanto, o leitor pode adquirir diretamente comigo pelo e-mail rolusouza@gmail.com ou em contato com a Editora no site www.editoravermelhomarinho.com.br

O leitor também pode saber mais sobre meu trabalho e a disponibilidade dos livros na internet visitando meu site www.ronaldoluizsouza.com

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Ronaldo Luiz de Souza: Todo escritor sempre tem um “baú virtual” cheio de anotações e a mente sempre repleta de ideias para um novo livro. Comigo não é diferente. O difícil mesmo é

escolher uma delas, lhe dar prioridade absoluta e transformá-la em uma obra de valor, porque o tempo disponível sempre é muito curto para fazer tudo o que desejamos. Entretanto, já consigo perceber no horizonte alguns projetos se delinearem.

Perguntas rápidas:

Um livro: O Senhor dos Anéis

Um (a) autor (a): Machado de Assis

Um ator ou atriz: Alessandra Negrini

Um filme: Fim de Caso

Um dia especial: O lançamento do meu primeiro livro, Raízes e Asas.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Ronaldo Luiz de Souza: Sim, vou recomendar fortemente que todos leiam Expedição Vera Cruz, pois, além de ser uma aventura instigante, a história traz muita informação sobre o folclore nacional, em virtude de todas as pesquisas realizadas, inclusive oferecendo uma gênese para alguns dos principais

seres fantásticos de nosso folclore.
E, claro, espero que todos se

divirtam muito ao ler Expedição
Vera Cruz.



Para saber mais sobre o autor, acesse: www.ronaldoluijsouza.com



Sinopse: Uma adolescente forçada pelo pai a se casar, acaba descobrindo o amor. O único problema é por quem ela se apaixona: um cara amoroso, mas complicado. Mas esse não é o problema e sim o fato dele ser o filho do homem a quem foi prometida.

Autora: Jéssica Amaral

Para adquirir o livro:
Físico: [Clique aqui](#)
Digital: [Clique aqui](#)

ENTREVISTA

SILVANO COLLI



“Na verdade, tudo é fruto de minha imaginação, não conheço nenhuma outra história parecida. Costumava ficar durante a noite na cama imaginando as cenas que eu iria escrever no dia seguinte e como comecei a escrever como uma brincadeira (que deu certo), acabei levando mais tempo que o normal. Levei cerca de dois anos e meio para concluir o livro.”

ENTREVISTA:

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Silvano Colli: Comecei como um dos colaboradores em adaptações de textos e até mesmo na escrita de

textos inéditos para o teatro em dois grupos de teatro amador chamados “Senta Que o Leão é Manso” e “ATO TE ATO”. Embora tivesse muitas ideias para obras de ficção, só me dispus a colocar no papel uma delas quando um de meus filhos disse que gostaria de ler uma história que tivesse certas características.

Como não encontrei nenhum livro assim, decidi que iria escrever para ele como uma brincadeira, mas quem lia gostava e elogiava muito, então inscrevi o texto ainda na fase de rascunho em um concurso literário e mesmo na fase de rascunho foi classificado e muito bem avaliado pela equipe de triagem, então avaliei que realmente era uma boa história e que merecia ser publicada.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “O Herdeiro Supremo”

(Editora Chiado). Poderia comentar?

Silvano Colli: Trata-se de uma aventura com personagens impactantes, a trama é cheia de mistérios, muita ação, magia e paixões arrebatadoras.

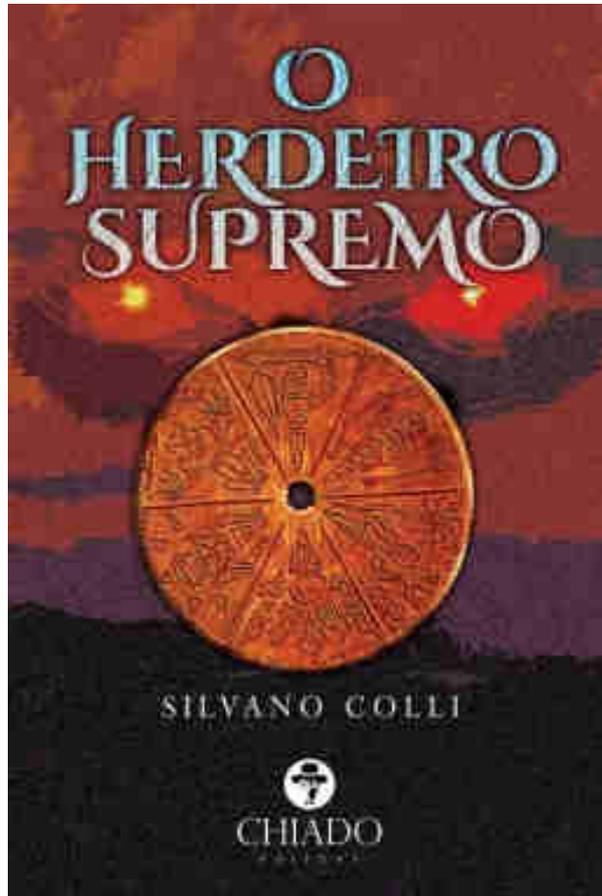
Tudo isso é claro, com uma boa dose de humor.

Conexão

Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para

concluir seu livro?

Silvano Colli: Na verdade, tudo é fruto de minha imaginação, não conheço nenhuma outra história parecida. Costumava ficar durante a noite na cama imaginando as cenas que eu iria escrever no dia seguinte e como comecei a escrever como uma brincadeira (que deu certo), acabei levando mais tempo que o



normal. Levei cerca de dois anos e meio para concluir o livro.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do qual você acha especial em seu livro?

Silvano Colli: É difícil destacar um trecho separado, pois entendo que uma cena completa a outra, poderia escolher uma cena de ação ou engraçada... deixa ver... gosto muito dessa parte que não é ação nem engraçada mas pode ser uma verdade: “...lembrem-se que o perdão pode ser muito mais significativo que a vingança e tornará quem perdoa superior ao que ofendeu...”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Silvano Colli: O livro impresso está disponível para compra através do site da editora Chiado, livraria cultura ou pode ser solicitado um exemplar autografado através de meu e-mail silvanocolli@gmail.com. Já o e-book está disponível no site

da editora Chiado, livrarias Cultura e Saraiva. O link da editora é <https://www.chiadoeditora.com/livraria/o-herdeiro-supremo>.

E para conhecer um pouco mais sobre meu trabalho, basta acessar minha página no facebook pesquisando @silvanocolli

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Silvano Colli: Sim, Pretendo publicar um novo livro intitulado A Vingança de Vitom, cuja história já está na minha cabeça. Não diria que é uma continuação deste livro O Herdeiro Supremo, pois esse tem a trama finalizada, não necessitando de nenhuma complementação. Mas Vitom é um personagem intrigante do Herdeiro Supremo que me permitiu criar outra trama tendo esse personagem como foco principal.

Perguntas rápidas:

Um livro: O Código Da Vinci

Um (a) autor (a): Dan Brown

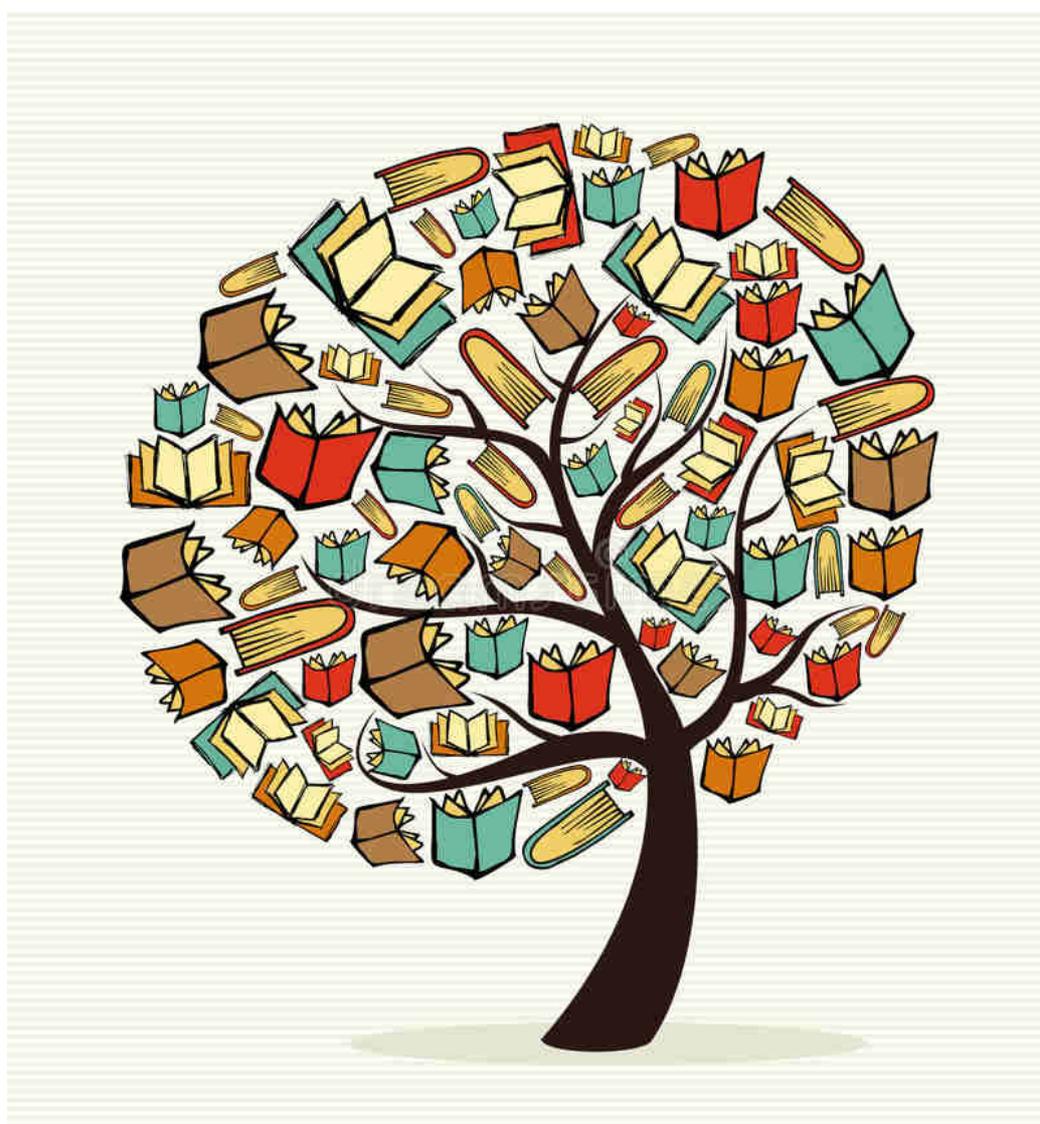
Um ator ou atriz: Glória Pires e Tom Hanks (em mundos diferentes com trabalhos excelentes)

Um filme: A Lista de Schindler

Um dia especial: O dia de hoje, sempre.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Silvano Colli: Dizer que estou muito feliz pela oportunidade de mostrar meu trabalho através da revista Conexão Literatura, que na minha opinião é uma das melhores revistas para falar de literatura nacional.



Para adquirir o livro, acesse: <https://www.chiadoeditora.com/livraria/o-herdeiro-supremo>

ENTREVISTA

DR. ROBERTO MARTINS DE SOUZA



“As histórias foram compostas primeiramente através de observação ao grupo de idosos e depois realizada um roteiro semi-estruturado. A partir daí comecei a iniciar de fato as entrevistas que duraram em média dois anos para a conclusão final.”

ENTREVISTA:

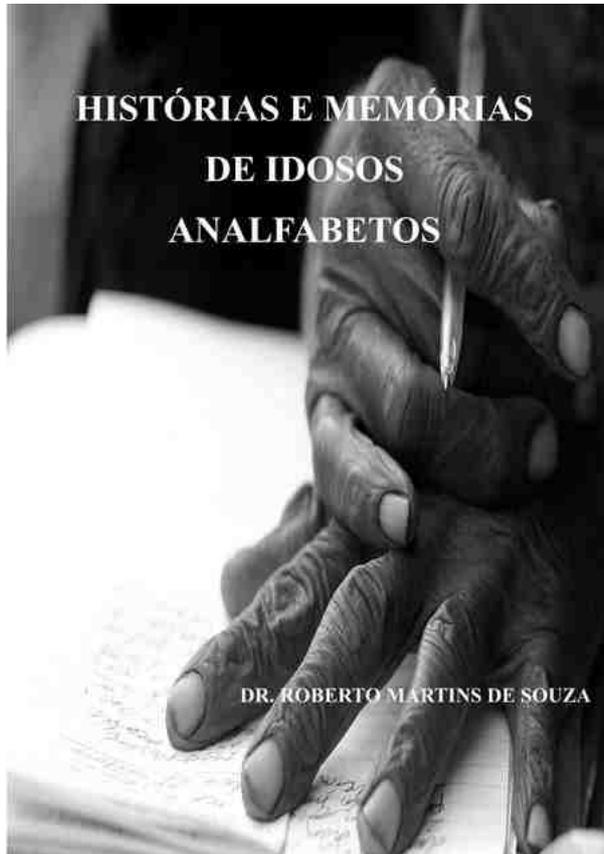
Conexão Literatura: Você publicou o livro "Histórias e memórias de idosos analfabetos", pelo Clube de Autores. O livro trata-se de histórias verídicas de

idosos analfabetos ou semianalfabetos em processo de alfabetização. Como você colheu as histórias para compor o livro?

Dr. Roberto Martins de Souza:

As histórias foram compostas primeiramente através de observação ao grupo de idosos e depois realizada um roteiro semi-estruturado. A

partir daí comecei a iniciar de fato as entrevistas que duraram em média dois anos para a conclusão final. As histórias eram sempre cheias de muita emoção e carregadas de lembranças positivas e negativas. Procurei ao máximo manter a fidelidade nas palavras utilizadas pelos idosos.



Conexão Literatura: Quais as referências que o livro aborda referente à importância da leitura e escrita para a vida do ser humano?

Dr. Roberto Martins de Souza:

Após a conclusão das narrativas e a transcrição das entrevistas até a elaboração do livro tive a certeza que para o grupo de idosos

analfabetos ou semi-analfabetos em processo de alfabetização a maior importância para eles era a falta da necessidade de saber ler e escrever. Fatos esses destacados em

praticamente todos. Pois desta forma se fossem alfabetizados na época correta, a vida talvez fosse diferente. Quero dizer com maiores chances de obterem outro destino em suas vidas.

Conexão

Literatura: No livro "Histórias e memórias de idosos

analfabetos", também é feita as definições do envelhecimento sobre a ótica de vários autores e de como ele pode gerar uma crise de identidade nos idosos. Poderia comentar?

Dr. Roberto Martins de Souza:

Realmente. As mudanças decorrentes da relação com a sociedade em que se vive e a aquisição de novos valores implicam

alterações na auto-imagem e auto-estima, com conseqüentes mudanças na identidade pessoal. Mosquera diz que a identidade desenvolve-se no tempo e numa determinada

cultura. Sendo então uma reflexão observadora que implica um retorno porque cada momento histórico tem seus tipos de significativos, que por sua vez, tem papel preponderante na estrutura do indivíduo. A auto-imagem é a chave que o indivíduo

tem para compreender seu próprio comportamento e a consistência de suas atitudes, sendo assim o comportamento humano está intimamente ligado ao comportamento social.

Se a sociedade mostra preconceitos em relação aos idosos, desvalorizando-os é possível que ele adquira essa imagem desvalorizada. A partir daí, torna-se mais difícil e penosa a aceitação de si mesmo,

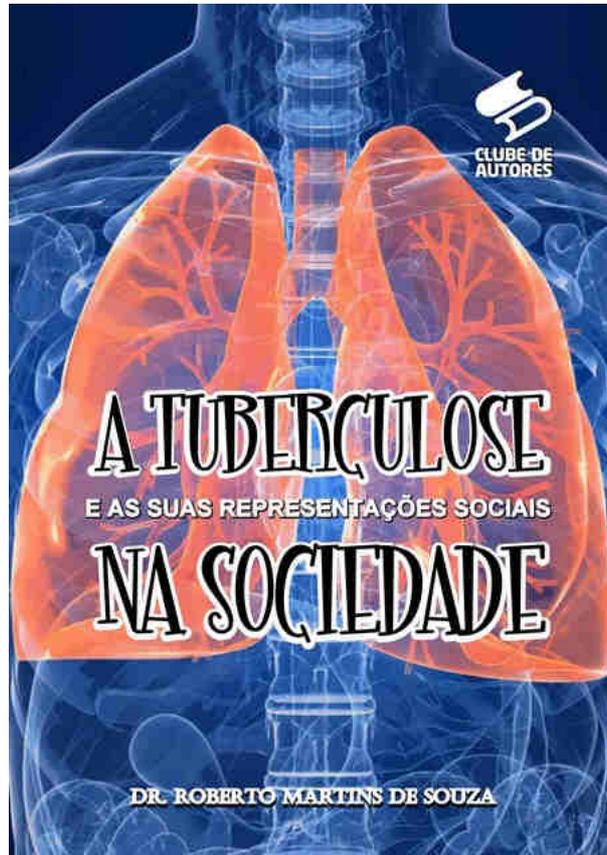
uma vez que o social reage negativamente frente a sua ação. De fato, reage (ou pode reagir) negativamente não só a sua ação, como a inação e sua imagem. O

senso de identidade é assim influenciado pelo pela percepção que os outros têm dos papéis sociais que desempenham. A velhice deveria ser encarada como mais uma etapa da vida, que deve e pode ser significativa. Há idosos que assim o fazem e alcançam um equilíbrio

imenso. Mas a maioria fica a procura de um novo sentido para a vida, infelizmente.

Conexão Literatura: No seu ponto de vista, o que falta para baixar o índice de analfabetos no Brasil?

Dr. Roberto Martins de Souza: Boa pergunta. Acho que deveria ter maiores investimentos nas áreas da educação, da saúde e do social



como um todo. Deveriam existir parcerias entre os setores público e privado com incentivos a melhoria da qualidade de vida, do ensino, melhores políticas salariais e valorização do professor.

O professor acredito ser um instrumento de fundamental importância nesse processo. Dessa forma acredito que os índices de analfabetos diminuiriam muito aqui no Brasil, como aconteceu em outros países, posso citar o exemplo a China que tem a sua população em média de 96% alfabetizados depois de ações como esta que acabei de citar. Ou então como a Grécia que recentemente saiu de uma enorme crise financeira e social e mesmo assim consegue manter 97% da população alfabetizada. O Brasil está com índices de analfabetos maiores que os nossos vizinhos da América Latina, como por exemplo,

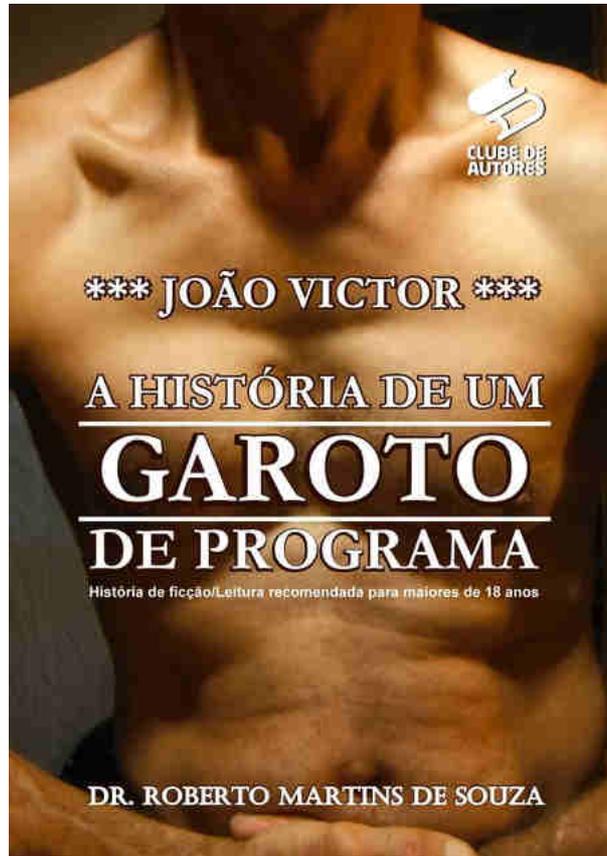
a Argentina, Chile, Bolívia e Paraguai.

Conexão Literatura: Você também é autor dos livros "A tuberculose e

as suas representações sociais na sociedade" e "João Victor - A história de um garoto de programa". Poderia comentar sobre ambos os livros?

Dr. Roberto Martins de Souza: No livro A tuberculose e as suas representações sociais na sociedade

é fruto da minha Tese de Doutorado, para obtenção do título de Doutor. É uma releitura sobre a doença tuberculose no ponto de vista do paciente e dos profissionais de saúde que tratam os mesmos. Quando falo nos profissionais de saúde estou citando especificamente médicos e enfermeiros. Sendo que cada um tem o seu ponto de vista sobre a doença, sobre o paciente e a sua



influencia na sociedade. Influência esta que mesmo vivendo no século XXI tem uma visão de extremo preconceito. Este preconceito que aqui me refiro não é só pela sociedade em geral, mas infelizmente também por parte de alguns profissionais da área de saúde. Na visão dos portadores da tuberculose a doença é vista como exclusão social, o medo da morte, longo período de tratamento sendo assim um processo de pensar, vivenciar e lidar com a doença que comporta uma dimensão ideativa (da representação) e outra concreta (da experiência) que não são estanques, mas integradas, estão em constante movimento, influenciando-se reciprocamente e atualizando-se diante das circunstâncias cotidianas. No livro descrevo a doença e a sua trajetória, sendo que algumas vezes estão associados ao vírus HIV ou a AIDS, modo de transmissão, os diversos tipos de tratamento e prevenção e a sua relação processo-doença.

Já no livro João Victor: A História de um garoto de programa posso dizer que é uma história de ficção, onde o personagem principal é uma criança carente, filho de mãe

solteira. Que no decorrer da sua infância e juventude passa por vários acontecimentos característicos de um jovem que vive na periferia da cidade de São Paulo. A mãe é migrante de outro estado e chegando a São Paulo passa por varias situações ligadas a trabalho, moradia, novos rumos para a vida. João Victor já na fase adulta conhece a prostituição masculina e começa a freqüentar locais freqüentados por homossexuais. Porém se considera extremamente heterossexual. Ganha muito dinheiro como garoto de programa até que um fato acontece em sua vida e aí é uma surpresa para o leitor. Espero que gostem da leitura.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do livro "A tuberculose e as suas representações sociais na sociedade" para os nossos leitores?

Dr. Roberto Martins de Souza: Sim. Existem vários trechos nesse livro. Porém o que mais eu gostaria de dizer é que a doença tuberculose mostra-se particularmente dramática para aqueles por ela

acometidos. Os doentes, e em particular os com tuberculose experimentam não apenas a sensação de isolamento da vida social, mas a de cisão entre seus corpos e seus espíritos. O que torna interessante a vida desses indivíduos é o modo como buscam situar-se tanto em relação a um mundo saturado de terríveis fantasias acerca de sua condição, quanto em relação aos processos físicos e mentais instaurados pela doença.

Conexão Literatura: Destaque também um trecho de "João Victor - A história de um garoto de programa"

Dr. Roberto Martins de Souza: Sim. Vários fatos acontecem nesta história de ficção. Mas o que eu gostaria de citar é que existem várias formas de se relacionar com o ser humano fisicamente. Pela questão psicológica e racional o que leva um jovem bonito e com um belo corpo a usá-lo como um instrumento de trabalho. De que forma ele consegue atrair muitos clientes e após breves relacionamentos sexuais a sua mente o questionará. Ele se questiona: deve ou não continuar

nessa vida? Como ganhar tão bem e ostentar o luxo e adquirir bens materiais em outro tipo de ocupação ou outro tipo de trabalho? Sua certeza concreta e firme de considera-se heterossexual convivendo no meio homossexual? Gostaria de enfatizar a trajetória de vida de João Victor até dois fatos que mudaram o rumo de sua vida.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Dr. Roberto Martins de Souza: Sim. Gostaria de comentar sobre esses três livros que acabei de escrever. Histórias e memórias de idosos analfabetos, João Victor: A história de um garoto de programa e por ultimo A tuberculose e as suas representações sociais na sociedade. Neles enfatizo que o ser humano não é apenas um ser biológico, dotado de anatomia, fisiologia e psicologia peculiar à sua condição animal, mas também é um ser biográfico, dotado de liberdade e ética, peculiares à sua condição racional. Em nossa condição racional e das opções de vida que cada um de nós faz a cada

momento, nasce o conceito de biografia, de histórias de vida que é

única e irrepetível para cada um de nós.



Para adquirir os livros do Dr. Roberto Martins de Souza, acesse:
<https://www.clubedeautores.com.br/authors/380376>

concurso de contos

HELISING

CAÇADORES DE MONSTROS

PARTICIPE

Os dois melhores contos serão publicados na edição de fevereiro/2018, da Revista Conexão Literatura, com direito a entrevista com os autores

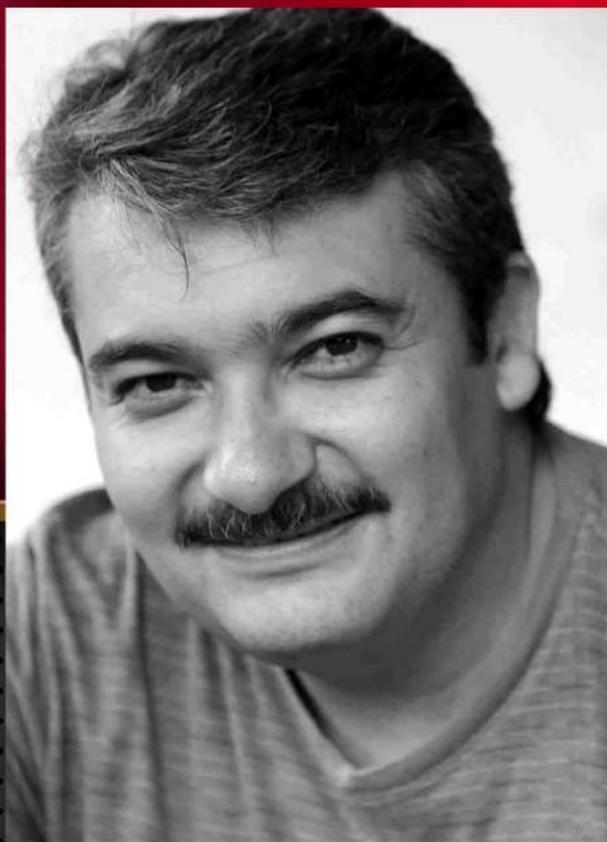
Leia o regulamento em:

www.revistaconexaoliteratura.com.br



ENTREVISTA

CARLOS VELÁZQUEZ



“Já adulto, no meio universitário, como estudante e como professor, fui obrigado a reencontrar-me com a escrita e, como já era apaixonado e praticante assíduo da escrita musical, foi um caso de amor a primeira (re)vista. Desde então – falo de uns vinte anos – tenho escrito e publicado muitas partituras de música, artigos científicos, ensaios filosóficos e humanísticos e contos infantis e infanto-juvenis.”

ENTREVISTA:

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Carlos Velázquez: Quando era criança gostava de ler, ainda gosto muito. Era fascinado pelas histórias

de Júlio Verne, de quem li, acho, toda a obra. Gostava de imaginar as aventuras tecnológicas de seus romances, embora hoje acredite que, sem que percebesse na época, sentia-me sempre muito intrigado com as reflexões humanas que acompanhavam as histórias.

Com doze anos de idade escrevi meu primeiro conto, mas, embora ainda ache, pelo que lembro, que era uma boa história, naquele tempo foi uma grande decepção: inscrevi o texto num concurso da escola e passei longe de qualquer premiação; assim que, ao menos por um bom tempo, minha carreira literária ficou encerrada por ali mesmo.

Já adulto, no meio universitário, como estudante e como professor, fui obrigado a reencontrar-me com a escrita e, como já era apaixonado e praticante assíduo da escrita musical, foi um caso de amor a primeira (re)vista. Desde então – falo de uns vinte anos – tenho escrito e publicado muitas partituras de música, artigos científicos, ensaios filosóficos e humanísticos e contos infantis e infanto-juvenis. Foi engraçado, nunca mais havia escrito contos, mas, num dos aniversários da minha filha mais

velha, ela – que continua muito inventiva – pediu que o tema de sua festa fosse de tubarão. Imagina só! Onde você encontra decorações e lembrancinhas de tubarão para uma festa de aniversário de menininha?! Assim que, no desespero, decidi escrever um conto que na festa contamos às crianças e oferecemos como lembrança. O conto deve ter feito um pequeno sucesso já que, a pedidos, hoje é material paradidático em algumas escolas de Fortaleza.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “Mitologias para o Século XXI - Facultas Característica” (Paco, 2017). Poderia comentar?

Carlos Velázquez: Acho que por ser músico já há um tempo que me sinto insatisfeito com os modos de produção científica no meio universitário. Me entenda, isto inclui as produções científicas dos cursos de música. Por quê? Porque, devido a questões principalmente políticas, a ciência no meio acadêmico procede por áreas de estudo e o que é estudado por uma área, digamos, a biologia, por exemplo, não pode ser estudado pela sociologia, porque

“não lhe pertence”, política e burocraticamente pertence a outra área. Na música, como em outras formas de arte, procura-se a experiência

estética, que é totalizante, isto é, não tá nem aí pra saber a quem pertence este ou aquele aspecto da experiência como, aliás, é na vida: vivemos aspectos biológicos e sociológicos – entre tantos outros – tudo ao mesmo tempo, tudo misturado em tempo real. Quero dizer que, se queremos entender

nossa própria vida, precisamos abordá-la plenamente, em todas suas áreas de estudo.

A questão é que nossa ciência contemporânea não é a única maneira de conhecer sobre a vida, antes da era moderna as pessoas conheciam muito sobre o mundo através da mitologia, que além de ser um monte de histórias

mirabolantes é, acima de tudo, uma forma de conhecimento e de pensamento que procura integrar todos os aspectos do que observa.



O melhor dessa descoberta é que, para fazer mitos, basta fantasiar e a fantasia é uma coisa que continuamos cultivando nos tempos atuais. Tudo bem, não tem mais um xamã contando histórias para a gente ao pé da fogueira, mas temos literatura, filmes, seriados, fake-news, fofocas e, sobretudo,

sonhos: ninguém, por ser moderno, parou de sonhar! Pois bem, decidi comparar mitos tradicionais com fantasias atuais e saíram umas coisas bem legais, acho interessante perguntar ao Batman, à princesa Valente ou ao Harry Potter – nossos mitos atuais – sobre quem somos e como vamos levando nossa própria existência.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Carlos Velázquez: Um bom bocado de tempo! Uns dez anos! Formalmente, o projeto, que foi apoiado pela Universidade de Fortaleza, aqui no Ceará, em colaboração com a Universidade de Aveiro, em Portugal, durou pouco mais de um ano. Mas para chegar a formular o projeto tive que me perguntar várias coisas e sempre correr atrás, falar com um monte de gente e, em especial, com meus queridos alunos do Movimento Investigativo Transdisciplinar do Homem – MITHO, que integramos em Fortaleza. Acho que quando você tem uma ideia mais clara do que vai escrever é porque, como dizia Clarisse Lispector, o texto já está pronto em algum lugar...

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Carlos Velázquez: Tia Petúnia Evans era irmã da mãe de Harry e havia ocultado os dotes mágicos que, a olhos vistos, o sobrinho havia

herdado, porque sentia repulsa pela anormalidade mágica. Certamente tinha razão, a magia não é normal; mas é também verdade que a normalidade não impulsiona o desenvolvimento, este se deve ao extraordinário. O caso é que a normalidade industrial, comercial e financeira dos últimos tempos tende fortemente a censurar o extraordinário e engana-se com sofisticadas pirotécnicas, confundindo evolução com engrossamento de lucros provenientes da comercialização de tecnologias. Repito o questionamento de Grindelwald: A quem protegemos escondendo o mundo bruxo? E adiciono uma resposta possível: a mediocridade dos normais.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir um exemplar do seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Carlos Velázquez: O mais imediato é o site da editora: www.pacolivros.com.br, mas também encontra em grandes lojas com Amazon, Submarino, Lojas

Americanas, Livrarias Cultura, Saraiva e Leitura.

Outras publicações saíram pela editora Armazém da Cultura: <http://armazemcultura.com.br>, pela editora portuguesa Chiado: <https://www.chiadoeditora.com> e pelo Clube de Autores: <https://clubedeautores.com.br>

Também podemos bater um papo no facebook, é só encontrar meu nome: Carlos Velázquez.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Carlos Velázquez: Continuo colaborando com a Universidade de Aveiro, acho que dentro de um tempinho vou publicar mais análises míticas sobre a sociedade contemporânea.

Na literatura infantil já, já vem por aí “O Rei Tavinho”, dentro da coleção “Cachinhos ao Vento”, que trata de um besouro-do-esterco e, para o público infanto-juvenil: “O mistério das Sombras” a primeira parte da trilogia “Crônicas de Anahí”, uma aventura jovem pelos caminhos da mitologia nordestina. Estou coordenando um projeto ambicioso junto ao pessoal do

MITHO e posso dizer que está ficando muito massa (acho que é a melhor expressão). Se trata de uma série de contos inspirados na mitologia contemporânea cearense. É um projeto que busca produzir literatura interessante para incentivar nos jovens o gosto pela leitura. Nesse projeto eu fico com a parte chata, um livrinho para dar ideias aos professores das escolas sobre como trabalhar com mitologia, mas fazer o quê, né?!

Perguntas rápidas:

Um livro: “Tratado de magia” de Giordano Bruno

Um (a) autor (a): Carl Gustav Jung

Um ator ou atriz: Damián Alcázar

Um filme: Festa no Céu

Um dia especial: O presente

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Carlos Velázquez: Recentemente uma pessoa que leu meu livro me disse que reconheceu suas experiências nas explicações que eu declinava da mitologia. Fiquei felicíssimo! Imagina: transcender a

perspectiva de escrever simplesmente para chamar a atenção sobre si já é bem legal, mas

partilhar a autoria da obra com seu leitor é a melhor conquista que se pode almejar!



Para saber mais sobre o livro, acesse: www.pacolivros.com.br



ANUNCIE NA REVISTA CONEXÃO LITERATURA

CLIQUE AQUI

PARA SABER MAIS OU ADQUIRIR O LIVRO:
CLIQUE AQUI

OLHARES APAIXONADOS

Um breve estudo sobre os olhares
por Ademir Pascale

Existem vários tipos de olhares: olhares frios, daqueles que a pessoa demonstra que não está nem um pouco interessada em você e muito menos na sua conversa, desviando os olhos constantemente para tentar encontrar algo mais interessante. Olhares de deboche, daqueles que dizem mesmo sem dizer: “Mentira. Duvido que você seja capaz disso...”. Olhares alegres, daqueles que a pessoa também estampa um largo sorriso e lhe contagia fazendo o seu dia mais feliz, revelando que a sua presença é muito importante para ela. Olhares raivosos, daqueles que se você não correr é capaz da pessoa te morder. Olhares autoritários, daqueles que a pessoa acha que você é propriedade dela ou simplesmente seu escravo(a). Olhares tristes, daqueles que brilham e que parece que a pessoa vai chorar a qualquer momento te contagiando e o deixando também

triste. E olhares apaixonados. Na realidade existem muitos mais tipos de olhares, mas é justamente sobre este último que a nossa história começa:

Fred era um tipo de garoto que se incomodava com os olhares das pessoas, porque ele não tinha sossego. Parecia que conseguia ler a mente das pessoas apenas pelo olhar. Na realidade ele conseguia ler, ou pelo menos achava que conseguia. E você leitor sabe que o olhar demonstra o que a pessoa está sentindo, pois só quem é muito profissional consegue disfarçá-lo, como um experiente jogador de poker. Fred, com seus 19 anos, já sabia de muitas coisas, apenas estudando o olhar das pessoas. Ele sabia quando estava agradando. Sabia quando tinha que se calar e sabia quando tinha que correr, tudo isso observando as variações dos olhares. Ele era (e acredito que ainda seja) obcecado

por olhares. Tinha uma caderneta da qual fazia suas anotações e desenhos dos olhos, pálpebras e sobrancelhas, pois os três itens formam um importante conjunto para estudo. Seu estudo. Mas tinha um olhar que fez Fred parar e repensar sobre tudo o que aprendeu: o olhar de uma garota que frequentava a lanchonete da faculdade da qual ele trabalhava. Ele varria o chão. Atendia o público. Limpava os banheiros, inclusive os que estavam com as privadas quebradas e entupidas. Fazia o café e colocava os pães de queijo no forno para assar, lavando as mãos depois de ter limpado os banheiros (acho). Levava as broncas dos clientes, porque era o único funcionário do seu período de trabalho das 8hs às 14hs. Ele fazia quase tudo lá, só não pegava no dinheiro, porque o seu Manoel, proprietário do estabelecimento, não confiava.

Mariana, esse era o nome da garota, era uma estudante de Educação Física. Ela sempre andava acompanhada do namorado, um estudante de Direito, folgado e autoritário. Fred não entendia como uma garota poderia se apaixonar por um rapaz com essas características. O “cara”, como Fred dizia, também

devia malhar. Era forte e exibicionista. Sempre estava com suas camisas agarradas ao corpo mostrando os músculos. Parecia também ter bastante grana, pois além das roupas de griffe, ia cada dia com um carro diferente na faculdade, mas pode ser que o seu pai fosse proprietário de alguma loja de automóveis, o que não mudava nada: o cara tinha dinheiro. Fred acreditava em amor verdadeiro e talvez Mariana tivesse visto alguma qualidade naquele jovem malhado, bonito, rico e metido. A realidade era que ele tinha muitas coisas das quais Fred não tinha, tanto na parte financeira como na física. Mas de uma coisa ele tinha certeza, o “cara” certamente não sabia ler os olhares das pessoas tanto como ele, que era expert no assunto. Bom, mas chega de falar desse “cara”. Retrocedendo alguns dias no tempo, foi o olhar de Mariana que o fez repensar em seus estudos sobre “os olhares”:

— Oi, quero fazer um pedido! — diz a garota com o olhar semicerrado, enquanto segura a mão do “cara” que está com o olhar para cima. Um olhar de pouco caso.

— É..., pois não? — Fred olha secamente, pensa e reflete sobre o

olhar da garota. — Por que o olhar dela está semicerrado? Sabe, parece um olhar de desejo. Mas como ela faria isso segurando a mão do namorado? Ele parece não notar e até faz pouco caso com o seu olhar ridículo...

— Posso fazer o meu pedido ou você está muito... ocupado? — a garota não mudou o olhar, mas o tom de voz deixava claro o seu sarcasmo, pois Fred estava ali para atender o público.

— Claro, fique à vontade! — Fred olhava disfarçadamente para a garota enquanto limpava o balcão com um pano embebido em álcool. A garota, vez ou outra colocava uma caneta na boca e dava leves mordidas nela, como se estivesse fazendo isso para ter mais ideias sobre o que realmente iria pedir, ou simplesmente para atiçar Fred. Mas no final foi um pedido bem simples, a especialidade da casa: dois pães de queijo e dois sucos naturais de laranja.

Mariana e o “cara” fizeram esse ritual durante os cinco dias da semana e nos cinco dias ela permaneceu com o mesmo olhar e ele com o dele. Fred passou a pensar mais vezes em Mariana. Na realidade pensava dia e noite. Tentou fazer exercícios em casa para ter um corpo mais malhado,

mas o cansaço do serviço não o deixava malhar por mais de 20 minutos diários e ao invés de ganhar músculos parecia que ficara ainda mais magro. Comprou roupas mais agarradas, mas ficou pior ainda, pois ficavam ainda mais nítidos os seus músculos esqueléticos. O seu olhar demonstrava cansaço. Passava as noites em claro desenhando o olhar de Mariana. Consultou livros sobre os olhares. Revisitou seus antigos desenhos e estudos.

Definitivamente, ele não poderia estar enganado: ela o olhava com desejo. Ela o queria. Os seus olhos demonstravam o que ela não tinha coragem de dizer, ou porque sempre estava acompanhada do “cara”. Fred ficou obcecado pelo olhar de Mariana e de vez em quando dava algumas escapadas do seu local de trabalho para passar em frente a sala dela e dar uma espiada na garota. Mas era difícil enxergar o seu olhar, pois ela sentava no fundo da sala.

O olhar de Mariana.

E tudo isso foi em apenas cinco dias. Os cinco primeiros dias de aula do primeiro ano daquela garota. Fred passou o final de semana pensando sobre o assunto. Tentou elaborar um plano bem simples, mandar alguém entregar

um bilhete para ela em sala de aula. Isso não seria difícil. Um bilhete era mais fácil do que encará-la cara a cara e perguntar o que ela sentia por ele. Mas ela poderia achar isso tudo algo muito infantil. Um bilhetezinho? Eles não tinham 10 anos de idade. Ele tinha que pensar em algo mais elaborado, mais maduro. Sei lá, ele tinha que pensar mais do que já estava pensando. E era bem difícil pensar mais do que isso.

Partir para a loucura seria loucura. Imagina perguntar o que ela sentia por ele na frente do namorado dela? Era certo que o “cara” quebraria a cara dele, isso se não fizesse algo pior. Não. Definitivamente não. Isso não. Em casa ele andava de lá pra cá e de cá pra lá, com a caderneta na mão revendo seus últimos desenhos. Só parou por cinco minutos para sentar e descansar um pouco, mas mesmo nesse pequeno tempo de descanso sonhou acordado com o olhar no vazio. Uma música invadiu seus pensamentos: “Thinking Out Loud”, do cantor Ed Sheeran (clique aqui <https://youtu.be/f6Cswdm601A>).

Quem sabe ele poderia fazer uma loucura e cantar essa música para ela no intervalo. Sim, algumas mulheres certamente gostariam de

uma loucura destas. Mas ele se esqueceu novamente daquele “cara”. Que situação difícil. Algo que até parece ser simples torna-se num pesadelo. Ele poderia desistir. Mas era difícil, algo lá no fundo dizia para continuar. E ele sabia que continuaria.

Já era domingo, noite. No dia seguinte, logo cedo ele estaria novamente na lanchonete e poucas horas depois Mariana iria novamente lanchar, como fizera nos dias anteriores. Quem sabe um plano surgiria do nada. Algo inusitado.

E foi justamente isso o que aconteceu.

Na realidade não foi um plano que surgiu de repente, mas sim algo inusitado mesmo. Ela estava sozinha. Sim, finalmente o “cara” não estava com ela. Provavelmente faltou. E coisas boas não aconteciam na vida de Fred. Mas desta vez aconteceu. Ela estava só e tudo era bem mais fácil. É claro que ele não iria cantar para ela, mas quem sabe iniciar uma conversa ou quem sabe convidá-la para um cinema.

— Oi... Eu... — o olhar dela estava diferente —, só quero um suco de laranja, por favor.

Fred notou que ela não o encarava e olhava para baixo. Estava triste.

Ele espremeu rapidamente as laranjas e lhe entregou o copo com suco. Ela caminhou vagarosamente e se sentou. E enquanto bebia, os seus olhos se fixavam no vazio através da porta de vidro do estabelecimento.

Uma nova música começou a rolar e disfarçadamente, sem o padrão ver, Fred aumentou o volume. Era “Sugar”, do Maroon 5. Fred procurou não pensar muito, pois sabia que quando fazia isso acabava não tendo mais coragem, pois os pensamentos de que algo pudesse dar errado eram mais fortes que os pensamentos de que algo poderia dar certo.

Retirou o seu avental e o jogou no chão. Abriu a porta do balcão e caminhou em direção a garota que o fez ficar sem dormir e pensar por dias em inúmeros planos para conquistá-la. Mas naquele exato

momento ele não tinha plano algum e todos os anteriores se apagaram. A sua única ideia era caminhar em sua direção e foi no meio de seu trajeto que ela desviou o olhar e o viu caminhando. Por um momento parecia que ela estranhou, pois apertou as pálpebras demonstrando tentar descobrir o que aconteceria nos próximos momentos.

Fred puxou a cadeira à sua frente e sentou-se. Ela pensou em dizer algo, mas não disse. Seu olhar triste modificou-se. E foi naquele momento que as dúvidas de Fred cessaram completamente.

Sim, coisas boas acontecem. E essa foi uma das primeiras de muitas na vida de Fred.

Ademir Pascale é Editor da Revista Conexão Literatura. Membro Efetivo da Academia de Letras José de Alencar. Já publicou contos no Brasil, França, Portugal e México. Autor dos romances “O Desejo de Lilith”, “Caçadores de Demônios” e “Crossroads – Quando os destinos se cruzam”, além de organizador do livro “Possessão Alienígena”, a ser lançado pela Editora Devir ainda esse ano. Fã nº 1 de Edgar Allan Poe, adora pizza, séries televisivas, heróis da Marvel, DC e HQs. E-mail: ademirpascale@gmail.com.

ASSASSINATO NA RUA 13

por V. Evans

Aconteceu um assassinato na rua 13. Os moradores daquele bairro singelo acordaram, saíram de suas casas e se depararam com um corpo estatelado no chão. O corpo no chão era humano e tinha sido esfaqueado 17 vezes. A faca que foi usada para executar o crime não estava mais lá ao amanhecer, mas ela tinha sido usada contra a barriga e contra a jugular, alguém tinha também esfaqueado nas pernas e no peito, até pelas costas haviam esfaqueado o corpo que descansava eternamente.

As pessoas se indignaram com o ocorrido! Queriam justiça para a vítima! Queriam punição para o culpado! Queriam poder voltar a dormir à noite despreocupados sabendo que o monstro que cometeu aquele crime estava bem longe dali, preso atrás de grades reforçadas de ferro.

Sim, concluíam que o culpado era um monstro e sabiam bem sua

feição, devia ser mais alto que um prédio e sua pele devia ser da cor da pele do Cão, parte com o tinoso ele devia ter, até chifres em sua cabeça devia carregar, não tinha mãos, tinha garras, de sua boca não saiam palavras, só fogo, em seu coração não haviam sonhos, só maldade e violência e não havia nada mais certo no mundo do que encontrar e deter essa Besta!

A polícia reuniu uma força tarefa, chamou reforços, convidou policiais de elite que vieram diretamente da Capital para capturar o monstro, e assim em pouco tempo descobriram quem foi o responsável por tamanha atrocidade:

Foi o vizinho do seu Manoel.

E as pessoas não sabiam mais o que pensar, afinal o monstro que queriam não era aquele, certamente não queriam que o monstro fosse aquele jovem homem, afinal aquele homem tinha

duas mãos, assim como eles, mãos que certamente já haviam sido beijadas por sua mãe quando ele era apenas um bebê, aliás algumas pessoas chegaram a conhecer a mãe do moço, como podia um monstro ter mãos, assim como todas as pessoas, e não garras? Além disso o homem não tinha chifres ou pelos, quando ele falava apenas palavras saiam de sua boca e sua voz não parecia a voz de uma Besta voraz, mas a voz de um homem comum, um homem que canta quando está feliz e chora quando está triste. Em seu coração talvez até existissem sonhos e seus antigos professores podiam atestar que uma vez ele já tinha tido compaixão, esperanças e planos.

Como podia ser?

E assim para entender aquela situação tão absurda as pessoas começaram a procurar algum motivo para que o crime tivesse acontecido, tinha que ter sido culpa da vítima, afinal, se o assassino não podia ser um monstro a vítima tinha que ser. Era a vítima dessa cor ou daquela? Não, a cor não dava justificativa. Talvez a religião da vítima fosse inconveniente? Não, nada de errado podia haver na forma que um ser humano interpreta a Deus. Talvez o gênero da vítima... Era

esse ou aquele? Não encontraram nada que os levassem a uma conclusão. Talvez, então, pudessem encontrar nas roupas da vítima uma explicação. Também nada havia ali, afinal roupas nunca fizeram ninguém cometer crime nenhum. Talvez a vítima tivesse provocado uma briga, procuraram um indício de culpa nas declarações do assassino, mas não tinha nada em seu discurso que os fizesse atribuir a culpa a vítima.

Culparam tudo que podiam, culparam as entidades de saúde que não perceberam que o rapaz era doente, tinha que ser doente, era uma boa explicação; culparam a polícia por não passar mais vezes pelas ruas daquele bairro tranquilo a noite; culparam a educação no país que não era libertadora o bastante; culparam os bombeiros; culparam os vendedores ambulantes; culparam os açougueiros; culparam as gestante; culparam as empresárias e os cozinheiros de plantão; culparam até mesmo o prefeito por não ter colocado mais postes de iluminação.

Não importava mais, o fato é que o vizinho do seu Manoel matou a vítima, o vizinho do seu Manoel só podia ser um monstro, um monstro com duas mãos e duas pernas, um

monstro feito de carne, osso, um passado e uma história, um monstro que podia ser eu ou você. E percebendo isso, as pessoas fizeram tudo que elas podiam fazer, pararam de pensar no assunto, exigiram que o monstro inexplicável fosse levado do meio

deles. O vizinho do seu Manoel foi preso, hoje mora em uma penitenciária no interior do estado, e as pessoas voltaram a dormir tranquilas, sonhando que o mundo é dividido entre heróis e vilões, mocinhos e bandidos, homens e monstros.

V. Evans é o pseudônimo de Viviane Furtado, autora de *Down the Road*. Apaixonada por livros desde a infância, aprendeu a ler com três anos de idade o que a levou a escrever o primeiro livro de poesias aos sete, sempre quer levar o leitor a questionar o mundo ao seu redor. Lhe proporciona uma fuga da realidade, gosta de passar seu tempo livre entre viagens, séries e boa música e. é claro, de muitos livros. Nascida em janeiro de 1989 na Bahia, mudou-se para São Bernardo do Campo_ SP, onde vive, graduada em Pedagogia, cursando uma especialização em Literatura, música e ensino da arte, trabalha como professora de inglês, depois de conhecer a Inglaterra, viajar para o Chile, seguindo sua banda de rock favorita, passar pela Irlanda, onde conheceu o melhor verde do mundo, e passar uma temporada descobrindo as belezas do Brasil, decidiu se dedicar intensamente à escrita. Você pode encontra-la no Skoob (<https://www.skoob.com.br/autor/19020-v-evans>), e no Facebook (www.facebook.com/notascoloridas).

O TÚMULO MALDITO

por Rafael Botter

Eu tinha tudo em minha vida, não vivia no luxo, mas estava tranquila e não poderia reclamar de nada, uma família incrível e amigos que marcaram minha vida. Infelizmente marquei a vida deles com sangue e muita dor, sofrimento incalculável.

Estaria tranquilamente em meu quarto, ouvindo música e falando com minhas amigas pelo celular, fofocando e escolhendo nossa próxima balada para o final de semana, mas não! Estou em uma cela, um cubículo fétido e intragável, dividido com outras nove detentas e algumas baratas, já fazem da família.

Infelizmente foi uma escolha, um erro que caiu em minha vida. Resumindo! Uma maldição que não tem mais volta.

Se não fosse aquela mensagem: “Paty, vamos ao cemitério, é sexta-feira 13, sentir o clima de terror. O Gustavo, Fernando e Vanessa já

confirmaram. Bora?”. Que erro em ter mandado o “sim”, essa resposta que mudou por completo o rumo de minha vida.

Foi tudo tão rápido, quando percebi já estavam na porta de casa esperando para irmos ao cemitério, contar algumas histórias de terror, beber e com certeza, fumar um baseado pra ficar ainda mais no clima.

Confesso que me lembro de algumas partes de todo o ocorrido, às autoridades disseram que eu estava sob o efeito das drogas e do álcool, juro! Não foi isso, ficaram como flashes em minha memória, me convocando para ir a um determinado túmulo.

Saí andando pelo cemitério, enquanto meus amigos ficaram fumando e bebendo, àquela voz martelando em minha cabeça: “Você está próxima, bem próxima. Falta bem pouco para sua alma ser minha, o seu medo é meu alimento”.

Continuo afirmando, são como flashes em minha mente, uma sepultura abandonada, tomada pelo tempo, sem nenhum cuidado e algo demoníaco tomava conta do meu ser, não sei bem o que era. Assustador! Bizarro! Estranho! Um misto de perversão e muita maldade.

Não me lembro de mais nada, depois que fiquei de frente para aquela sepultura, o meu despertar foi na delegacia, sentada de frente para o delegado e alguns investigadores.

Prestei depoimentos, uma avalanche de perguntas e questionamentos, pontas soltas que ficaram sem nexos.

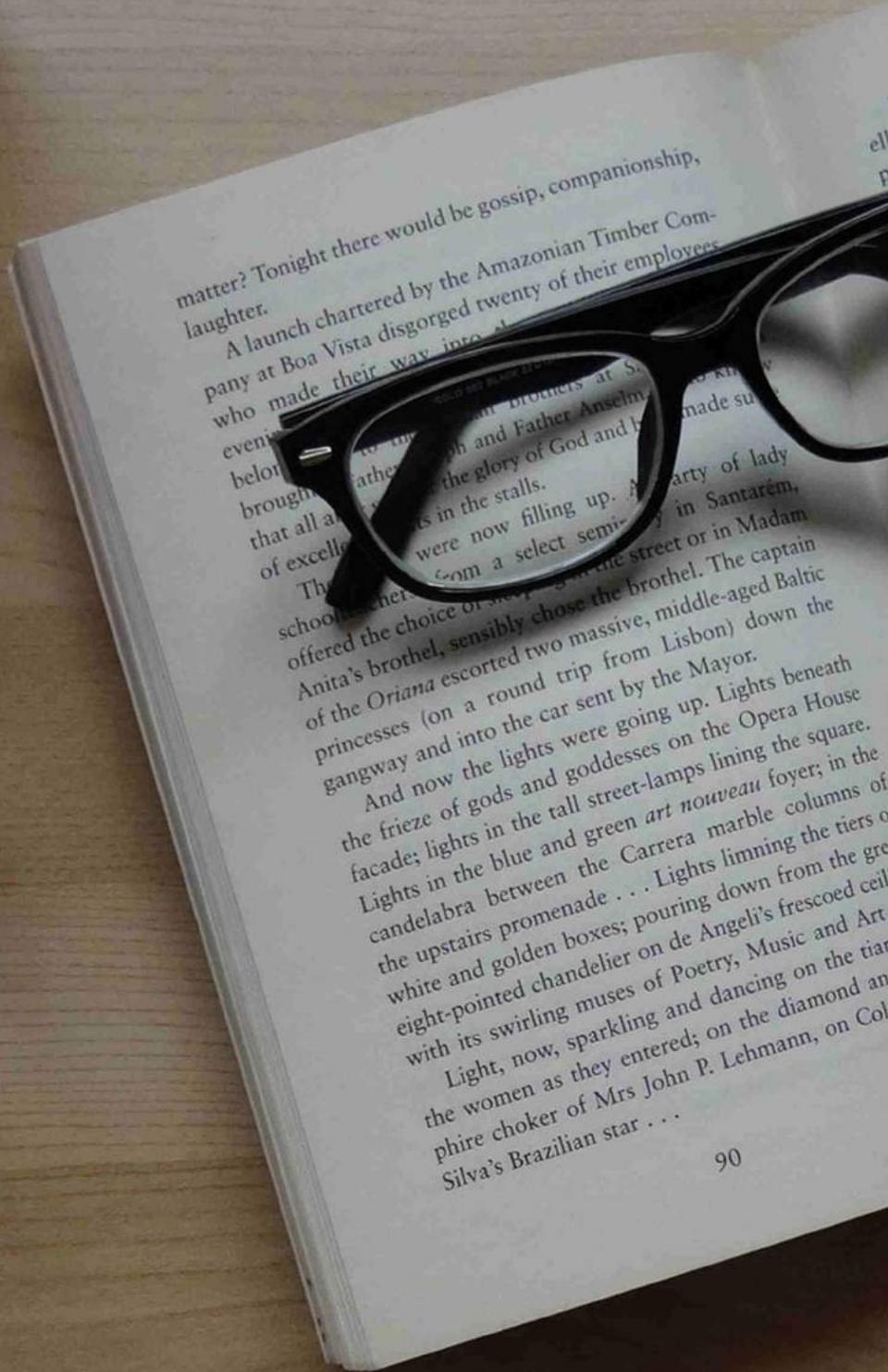
Várias testemunhas disseram que eu estava fora de controle, uma possuída em busca de vingança. Os meus amigos?

Todos mortos! Disseram que esfaqueei todos eles, fixaram

agonizando até o último suspiro, com suas gargantas cortadas. Uma morte certa no lugar certo. Suas almas passam direto para o próximo plano, seja ela qual for.

Fui condenada, passei por várias cadeias, até mesmo hospícios, pois muitos dizem que sou esquizofrênica. Mas aquilo era real! Eu sentia uma vibração maligna em minhas veias. Depois daquela sexta-feira 13. Tudo mudou! Ainda sinto aquela voz em minha mente, chamando para enraizar o ódio em meu coração, poder sentir o sangue escorrer pelo chão. Mais algumas vítimas para aquela pessoa. Ou seria o próprio demônio naquela sepultura? Vai saber!

Só sei que darei um jeito de escapar desse maldito lugar, poder voltar naquele cemitério e buscar por respostas, nem que para isso eu tenha que escrever com o sangue.



NÃO FIQUE DE FORA

Saiba como anunciar ou publicar em nosso site ou próxima edição:

CLIQUE AQUI